



Intervention program in nightlife,
leisure and socialization venues to raise awareness
and prevent GBV behaviours – including LGBTIphobia –
linked to sexual violence and substance use

RELATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO CRISSCROSS

*Análise de necessidades e boas práticas
conjuntas para abordar a violência de género
e o assédio em ambientes de diversão noturna*

Janeiro de 2024



Esta publicação foi produzida pela Kosmicare no âmbito do Consórcio que implementa o projeto CRISSCROSS - Programa de intervenção em locais de diversão noturna, lazer e socialização para sensibilizar e prevenir comportamentos de violência de género - incluindo LGBTIfóbicos - associados à violência sexual e ao consumo de substâncias. Este relatório de investigação foi produzido no âmbito das atividades implementadas no Work Package 2 (WP2) – “Investigação participativa baseada nas melhores práticas europeias e na análise de necessidades” liderada pela Kosmicare.

Parceiros do consórcio

Asociación Bienestar y Desarrollo - ABD (Barcelona, Espanha) – Coordenador do projeto
Kosmicare (Porto, Portugal)
Universidade de Sevilha – USE (Sevilha, Espanha)
Fundação ACRA (Milão, Itália)
Cooperativa Lotta Contro l'Emarginazione Cooperativa Sociale Onlus Societa
Cooperativa Sociale – LOTTA (Milão, Itália)
4motion - education for social change (Luxemburgo, Luxemburgo)
Executivo de Serviços de Saúde - HSE (Dublin, Irlanda)

Mais informações disponíveis no site:
CRISSCROSS ©, 2024

Pessoas autoras da publicação

Cristiana Vale Pires
Helena Valente
Bruna Viático
Joana Castro

Equipa CRISSCROSS

Lara Rot Pla, Mireia Munté Martín, Teresa Peset Segador, Irene Ruiz San Miguel, Ismael Fernández López, Jordi Navarro López, da ABD
Michele Spreafico, Michele Curami, Alida La Paglia, Mattia Granetto, Lucia Maggioni, Greta Pellegrinoda ACRA
Cecilia Gaboardi, Rita Gallizzi, Tiziana Bianchini da COOPERATIVA LOTTA CONTRO L'EMARGINAZIONE
Virginia Sánchez Jiménez, Isabel Maria Herrera Sánchez, María Luísa Rodríguez De Arriba e Luisa Fernanda Herrera Solarteda Universidade de Sevilha
Alex Loverre, Sam Ferreira, Lynn Hautus, Carlos Paulos, Adriana Pinho, da 4motion
María Otero Vázquez, Nicola Corrigan, Nicki Killeen, Ruth Armstrong da the HSE

Projeto gráfico: Chiara Birattari, SMARKETING

Design gráfico: Chiara Baggio, ACRA

As pessoas autoras expressam a sua gratidão a todos os nossos parceiros de divulgação e a todas as pessoas participantes nos grupos focais, entrevistas coletivas e individuais que contribuíram através dos seus valiosos conhecimentos, experiências vividas e prioridades para uma melhor compreensão dos estereótipos de género e da violência de género nas experiências de vida noturna.

Formato de citação recomendado: Pires, C. V., Valente, H., Viático, B., Castro, J., & Equipa CRISSCROSS. (2023). Relatório de investigação CRISSCROSS: Análise de necessidades e boas práticas conjuntas para abordar a violência de género e o assédio em ambientes de diversão noturna. D2.1, Projeto CRISSCROSS

Autora correspondente: cristiana.pires@kosmicare.org

Este relatório foi cofinanciado pelo Programa CERV-2022-DAPHNE da União Europeia. O conteúdo deste relatório representa a opinião das pessoas autoras e é da sua exclusiva responsabilidade. A Comissão Europeia não aceita qualquer responsabilidade pela utilização que possa ser feita das informações nele contidas.



ÍNDICE

Introdução

Metodologia

1) Análise de Necessidades - Análise qualitativa de género dos estereótipos de género, da violência de género e do assédio em ambientes de diversão noturna

2) Boas Práticas Conjuntas - Boas práticas e recomendações para prevenir, detetar e responder à violência de género em ambientes de diversão noturna

Considerações Finais

Referências

ANEXOS

- 1) Guião do Grupo Focal
- 2) Perfil das pessoas participantes do grupo focal e entrevistas
- 3) Categorias e subcategorias utilizadas na análise qualitativa
- 4) Identificação de boas práticas, categorização e avaliação da sua qualidade seguindo a abordagem EIGE à integração da perspetiva de género

INTRODUÇÃO

O objetivo geral do projeto CRISSCROSS é combater a violência de género (VG) em locais de diversão noturna, de lazer e de socialização (doravante ambientes de diversão noturna) frequentados por pessoas jovens e jovens adultas, através da conceção, experimentação e avaliação de pilotos de intervenção inovadores baseados na metodologia da mudança comportamental.

O principal objetivo do projeto é aumentar a sensibilização, mudar atitudes e prevenir a VG - incluindo a LGBTIfobia - associada à violência sexualizada e ao consumo de drogas. O projeto baseia-se num consórcio europeu, com divulgação a nível europeu e implementação local em 5 países europeus: Espanha, Itália, Portugal, Irlanda e Luxemburgo.

Este relatório de investigação foi desenvolvido no âmbito do Work Package 2 (WP2) – “Investigação participativa baseada nas melhores práticas europeias e na análise de necessidades”, liderado pela Kosmicare. Os principais objetivos deste WP são:

- Aprofundar o conhecimento de programas de intervenção eficazes testados na Europa no que diz respeito à prevenção da violência de género (VG) em ambientes de diversão noturna dirigidos a jovens, com especial foco na sexualidade e no consumo de drogas
- Compreender os principais problemas e estereótipos de género identificados pelas pessoas jovens (18-24) relativamente à VG vivenciada em espaços de entretenimento, e quais as soluções e mensagens que identificam para a prevenir

Os dados apresentados baseiam-se numa investigação qualitativa que incluiu a implementação de grupos focais, entrevistas coletivas e individuais com pessoas jovens adultas (mulheres cis, homens cis, pessoas trans e não binárias) e profissionais do Porto, Barcelona, Milão, Luxemburgo e Dublin. Os dados qualitativos permitiram identificar os principais estereótipos de género relacionados com o consumo de drogas, bem como as perceções e as experiências de violência de género e assédio vividas entre pessoas jovens adultas em ambientes de diversão noturna (bares, clubes, discotecas, festivais de música e outros espaços de lazer e socialização). Os parceiros do projeto realizaram também pesquisas documentais, nas suas próprias línguas, para apoiar a identificação e a categorização de boas práticas e recomendações para a promoção de ambientes de diversão noturna mais seguros e responsivos ao género. Para permitir uma leitura abrangente e a integração dos dados, o resumo da investigação está dividido em duas secções principais:

- 1) **Avaliação de necessidades** – análise qualitativa dos estereótipos de género e das experiências de violência de género e assédio em ambientes de diversão noturna
- 2) **Boas práticas conjuntas** – boas práticas e recomendações para prevenir, detetar e responder à violência de género em ambientes de diversão noturna

Os dados primários apresentados neste relatório são complementados por uma pasta anexa disponível [AQUI](#) (todos os anexos estão em inglês). Este resumo de investigação compila dados baseados na evidência para informar a conceção de atividades de capacitação e intervenções destinadas a prevenir, detetar e responder ao sexismo, à LGBTIfobia e à violência de género em ambientes de diversão noturna.

METODOLOGIA

Considerando o objetivo geral do projeto CRISSCROSS e os objetivos do WP2, esta investigação incluiu dois estudos diferentes utilizando metodologias distintas para recolher informações sobre estereótipos de género, VG e assédio, assim como boas práticas para informar a capacitação e a intervenção em ambientes de diversão noturna. Abaixo, descrevemos brevemente os métodos utilizados.

- **Estudo qualitativo dirigido a jovens [18-24] e profissionais.**

O estudo qualitativo baseou-se na implementação de 4 grupos focais nos cinco países representados no consórcio do projeto. Considerando que um dos objetivos deste estudo é informar o desenvolvimento de atividades de capacitação e intervenções piloto, os grupos focais foram facilitados por pessoas investigadoras das cinco cidades onde as atividades serão implementadas – Porto, Barcelona, Milão, Luxemburgo e Dublin. No que diz respeito ao desenho do estudo, decidimos implementar uma abordagem de género para identificar necessidades específicas de género, experiências e prioridades a abordar na intervenção piloto. Nesse sentido, organizamos três grupos focais com jovens (mulheres cis, homens cis e pessoas não binárias) na faixa etária dos 18 aos 24 anos. A nossa estratégia de recrutamento envolveu a utilização das redes sociais e o contacto com centros de juventude, e a utilização de incentivos [um voucher por participante]. Alguns parceiros tiveram dificuldades em recrutar homens cis e pessoas trans e não binárias.

Por esta razão, nalguns casos, implementamos entrevistas individuais e coletivas (2/3 participantes) (ver a distribuição dos grupos no [anexo 2](#)). O consórcio do projeto implementou quinze grupos focais, quatro entrevistas coletivas e três entrevistas individuais, com a participação de 30 mulheres cis, 19 homens cis, 15 pessoas trans e não binárias e 38 profissionais.

O guião do grupo focal foi elaborado utilizando técnicas de elicitação (Barton, 2015), imagens, títulos de notícias e gráficos de pesquisas anteriores para estimular a discussão, analisar as representações e estereótipos das pessoas participantes e explorar o seu conhecimento tácito sobre os temas em discussão (ver guião no [anexo 1](#)). O grupo focal com profissionais foi facilitado através de um guião com dez questões relacionadas com os temas discutidos nos grupos focais com as pessoas jovens. O recrutamento das pessoas profissionais baseou-se nas suas experiências de trabalho e no seu contexto de intervenção. Convidamos profissionais que trabalham com pessoas que experienciaram VG, profissionais que trabalham na área das drogas, em centros juvenis e no ensino secundário e superior, e profissionais da vida noturna (ver o perfil das pessoas participantes no [anexo 2](#)).

A análise dos dados foi realizada com apoio do software MAXQDA Analytics Pro 2022 (versão 22.8.0). Em termos da estratégia de análise de dados, utilizamos uma abordagem de análise de género onde os temas principais foram desagregados por género (mulheres cis, pessoas trans e não binárias e homens cis) e perfil (pessoas jovens adultas e profissionais) para identificar experiências específicas de género, perceções e prioridades (ver os temas, categorias e subcategorias utilizadas na análise qualitativa no [anexo 3](#)).

Neste relatório, abordaremos as pessoas que participaram nos grupos focais e nas entrevistas como pessoas “entrevistadas” e “participantes”, identificando o grupo (mulheres cis = MC; pessoas trans e não binárias = TNB; homens cis= HC) ou o perfil (grupos e profissionais = PROF) quando necessário para contextualizar os dados. Não realizamos comparações entre países, mas destacamos experiências e especificidades a nível local quando apropriado. Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (referência de aprovação ética nº 2023/06-08). Adicionalmente, seguimos a ética *Do-No-Harm* para minimizar os possíveis danos relacionados com esta pesquisa. Evitamos a utilização de conteúdo hipersensível nos grupos focais e nas entrevistas, fornecemos contactos para pessoas que pudessem ser emocionalmente afetadas pelo conteúdo em discussão e evitamos reproduzir estereótipos prejudiciais sem contexto ao redigir este relatório.

• Pesquisa documental

Este estudo baseou-se na análise de dados secundários, tendo a Kosmicare definido previamente a metodologia. Os parceiros do projeto procuraram práticas nas suas línguas (português, espanhol, italiano, inglês, luxemburguês, francês e alemão) utilizando uma combinação de palavras-chave em 4 eixos principais – estereótipos de género E ambientes de diversão noturna E consumo de álcool e drogas E grupo-alvo (pessoas jovens adultas). A sua pesquisa deveria incluir artigos de investigação e literatura cinzenta centrados na discussão e avaliação de práticas, mas também práticas reais (e.g., projetos de intervenção, protocolos e campanhas). Esta pesquisa foi realizada através de bases de dados científicas (Web of Science, Scopus), do Google e do Google Scholar. Os parceiros receberam orientações específicas para a identificação e compilação de práticas identificadas.

A Kosmicare preparou uma ficha-modelo, adaptada do manual do EIGE sobre abordagens integrativas de género (2013) e os parceiros preencheram uma ficha por prática. No total, foram recolhidas 49 práticas. No entanto, seis foram excluídas por se concentrarem principalmente em intervenções no domínio das drogas. As práticas coletadas foram avaliadas seguindo as recomendações do EIGE (a tabela com as práticas está disponível no [anexo 4](#)). Na secção 2 deste relatório de investigação, explicamos a categorização e avaliação das práticas.

A identificação de boas práticas baseou-se na triangulação da análise de dados primários e secundários. Especificamente, utilizamos os dados qualitativos dos grupos focais, das entrevistas coletivas e individuais e as boas práticas avaliadas para identificar dez boas práticas e recomendações de implementação, para informar o desenho de atividades de capacitação e intervenção em ambientes de diversão noturna.

1) ANÁLISE DE NECESSIDADE

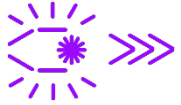
Análise qualitativa de género dos estereótipos de género, da violência de género e do assédio em ambientes de diversão noturna



Abaixo, destacamos as principais conclusões resultantes de uma análise de género dos dados qualitativos recolhidos. A apresentação dos resultados baseia-se nas categorias que emergiram durante a análise de conteúdo ([anexo 3](#)). A apresentação dos resultados está subdividida em dois tópicos principais:

- 1. Violência de género e assédio em ambientes de diversão noturna**
- 2. Estereótipos de género relacionados com o consumo de drogas em ambientes de diversão noturna**

Neste relatório apresentamos um resumo das principais conclusões pelo que, devido à complexidade dos dados e do espaço necessário para contextualizá-los, optamos por incluir um número limitado de citações das pessoas participantes. Para evitar o uso indevido da matéria-prima, o relatório completo de análise de género, com todas as citações, é um produto privado partilhado apenas entre o consórcio do projeto e a Comissão Europeia. Análises específicas do conteúdo serão apresentadas na forma de artigos científicos para complementar os dados apresentados neste relatório.



1.1) Violência de género e assédio em ambientes de diversão noturna

No sentido de recolher informações sobre a perceção e as experiências de violência de género e assédio na vida noturna, pedimos às pessoas participantes dos diferentes grupos focais e entrevistas que comentassem e discutissem uma imagem que ilustra uma cena de assédio sexual numa discoteca (imagem 1 do guião, [anexo 1](#)). Para recolher informação sobre este tema, perguntamos às pessoas profissionais do grupo focal local: “Do vosso conhecimento, quais são as principais formas de violência de género que as pessoas jovens vivenciam quando saem à noite (e.g., em bares, clubes, discotecas, festas, festivais)?”

A análise de conteúdo revelou seis temas principais que emergiram nos discursos das pessoas jovens e profissionais, a saber:

- **Normalização do assédio sexual**
- **Perceção/reacção à violência de género e ao assédio**
- **Perceção de segurança/insegurança ao sair à noite**
- **A pessoa agressora em ambientes de diversão noturna**
- **Reconhecimento da violência**

Abaixo, apresentamos as principais conclusões desagregadas por grupo – mulheres cis (MC), homens cis (HC), pessoas trans e não binárias (TNB) e profissionais (PROF) -, e por país (PT, ESP, IT, LUX, IR).



1.1) Normalização do assédio sexual

Este tema esteve particularmente em destaque e foi discutido pelas **MULHERES CIS** em todos os países. A maioria partilhou experiências pessoais de assédio sexual e algumas afirmaram que é normal, existindo um sentimento de impunidade, uma vez que ninguém faz nada para o interromper.

É uma coisa tão comum andar à noite, ou em qualquer lugar à noite, e simplesmente sentires-te vítima de uma armadilha, eu acho. (P5_MC_IR)

As pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS** de todos os países também revelaram a sua experiência de assédio sexual e LGBTIfóbico quando saem à noite, especialmente quando optam por demonstrar publicamente que são queer (em particular, através de apresentações de maior feminilidade). Várias pessoas concordaram que o assédio sexual é transversal e surge em ambientes de diversão noturna queer, tradicionalmente percecionados como espaços mais seguros.

Para mim depende muito da forma como me apresento, como me visto ou que partes do meu corpo revelo. Quer dizer, (...) quando mostro a parte da barriga, sinto mais olhares em mim do que se não.... do que quando estou mais tapado (...) (P2_TNB_ESP)

Referindo-se ao assédio sexual, os **HOMENS CIS** afirmaram acreditar que seja generalizado devido ao que ouviram de mulheres suas amigas. No entanto, alguns deles partilharam experiências de assédio, próprias ou de amigos, em ambientes de diversão noturna (na maioria dos casos, por parte de homens mais velhos).

Tendo como referência as suas experiências pessoais e profissionais, as pessoas **PROFISSIONAIS** dos diferentes países que participaram neste estudo consideraram que o assédio sexual é muito prevalente e normalizado na vida noturna, afetando desproporcionalmente as mulheres, e sendo perpetrado principalmente por homens.

1.2) Perceção/experiência de violência de género e assédio em ambientes de diversão noturna

Quando questionadas sobre o que viram na imagem 1 ([anexo 1](#)), a maioria das **MULHERES CIS** descreveu a cena a partir da perspectiva das pessoas assediadas, descrevendo o impacto desse comportamento invasivo, particularmente o sentimento de vulnerabilidade, medo e ameaça. Algumas participantes relacionaram as “mãos sombrias” na imagem aos olhares perturbadores que vivenciam quando saem à noite.

Sim, como se não fosse capaz de me concentrar em divertir-me e mais nos olhares dos outros, quero dizer, mais no que pode acontecer do que em divertir-me e deixar-me levar, sem me importar com o julgamento ou possíveis violências, ou assédios que possam acontecer... (P3_MC_IT)

À semelhança das **MULHERES CIS**, as pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS** também consideraram que a cena expressava medo e vulnerabilidade e associaram as “mãos sombrias” a olhares de assédio. Algumas pessoas apontaram a curiosidade e o interesse crescente de pessoas de fora das suas comunidades por espaços mais seguros como uma ameaça.

Tenho várias interpretações das mãos, baseadas em diferentes experiências. Pode ser simultaneamente as mãos das pessoas fora desse espaço que sentem porque é diferente, porque é uma novidade, aquela novelty, que se sentem à vontade para ver, tocar, como se fosse uma experiência num museu. Algo assim. Mas também pode ser visto pelo outro lado que é, muitas vezes em espaços alternos e espaços queer, as próprias pessoas dentro desse espaço sentem que, por estarem desinibidas, normalmente, dos preconceitos de que são vítimas, sentem, ao mesmo tempo, que o seu espaço pessoal se expande, às vezes, até ao espaço pessoal dos outros. O que pode não ser sempre a mesma coisa, começam a invadir o espaço dos outros.
 (P2_TNB_PT)

Ao contrário dos outros grupos, nem todos os **HOMENS CIS** identificaram imediatamente o assédio sexual na imagem, descrevendo-o, em vez disso, como um ambiente sexualizado. Outros participantes reconheceram o assédio, mas relacionaram-no com as experiências das suas amigas cis e queer, enquanto poucos partilharam as suas experiências de assédio sexual quando saíam à noite.

Sim (pausa), para mim isso inspira uma certa brincadeira, uma espécie de diversão, uma libertação da libido interna, hum, quer dizer, enfim, faz-me lembrar a antiguidade grega... sei lá, certos rituais báquicos, um pouco de bacanal. Precisamente, o vermelho é a cor símbolo da paixão.
 (P3_HC_IT)

O grupo de **PROFISSIONAIS** complementou esta informação com as suas experiências de intervenção. Destacaram que a maioria das pessoas que experienciaram violência de género e assédio são

mulheres cis e pessoas queer, mas que existem diferenças, estando o último grupo mais exposto ao assédio LGBTIfóbico. As pessoas profissionais apresentaram uma perspetiva mais complexa e matizada sobre a violência de género em ambientes de diversão noturna. Partilharam diferentes situações de violência de género, como a violência sexualizada, a violência no namoro em ambientes de consumo de álcool e drogas, o uso de tecnologias de informação e comunicação no contexto da perpetração da violência, o autoestigma e a autoculpabilização das pessoas que experienciaram violência, e elaboraram sobre os contextos de vitimação. Esta complexidade emerge das suas práticas profissionais, onde tendem a intervir junto de pessoas que experienciaram diferentes tipos de violência de género, ao passo que as pessoas jovens que participaram nos grupos focais referiram sobretudo o assédio sexual. Houve ainda algumas diferenças entre os países relacionadas com as suas experiências de trabalho em modelos de intervenção específicos aos seus contextos (e.g., Pontos Lilás em Espanha, uma linha de apoio para pessoas que experienciaram VG na Irlanda).

Foi também pedido ao grupo de **PROFISSIONAIS** que se referissem a situações específicas de violência de género que detetam entre menores para complementar a informação recolhida com a experiência das pessoas jovens. De um modo geral, as pessoas profissionais consideraram que a violência entre jovens tende a ser expressa principalmente de forma verbal e através de formas específicas de

assédio sexual, bullying e humilhação social, por vezes mediadas pelo uso de tecnologias de informação e comunicação (cyberbullying). A violência no namoro foi também mencionada. É importante acrescentar que as pessoas participantes que trabalham em ambientes de diversão noturna (algumas delas participando como jovens adultas e outras como profissionais) também partilharam situações específicas de assédio sexual que vivenciaram no âmbito das suas atividades laborais. Salientaram que os esforços de prevenção também deveriam abranger as pessoas que trabalham neste contexto.

1.3) Perceção de segurança/insegurança ao sair à noite

Este tópico foi discutido mais aprofundadamente após partilharmos a imagem 2 ([anexo 1](#)) utilizada no guião do Grupo Focal. Este foi um gráfico produzido no âmbito do projeto Sexism Free Night, que relata as diferenças de género na perceção de segurança e insegurança ao sair à noite. A partir da análise de conteúdo, identificamos três temas principais, destacados abaixo, relacionados com a perceção de segurança/insegurança, tendo sido encontradas diferenças relevantes de género em alguns deles.

- **Medo de sair à noite**

Encontramos diferenças de género na experiência de medo em ambientes de diversão noturna. Em todos os grupos focais e entrevistas foi consensual que a perceção de insegurança e o tipo de

violência temida diferem de acordo com a identidade de género. Isto foi particularmente revelador entre as pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS** que associaram o seu sentimento de segurança à forma como expressavam a sua identidade de género, sentindo-se menos seguras quando expressavam uma maior feminilidade.

As **MULHERES CIS** relataram especificamente o seu medo de serem violadas ou de experienciarem outras formas de violência de género. Em contrapartida, as pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS** relataram principalmente medo de sofrer violência física e humilhação social quando a sua expressão de género – especialmente no que concerne às roupas e à maquilhagem – era mais feminina (isto também foi referido pelos homens gays que participaram das entrevistas). Os **HOMENS CIS** relataram que têm medo de serem espancados e roubados. Nos grupos focais em Itália, as pessoas participantes (particularmente do grupo de **HOMENS CIS** e de pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS**) disseram que também têm medo da polícia quando saem à noite.

Acho que é realmente complicado olhar para isto da forma mais objetiva possível, porque a ameaça contra os homens cis na vida noturna é, eu acho, um pouco diferente da ameaça contra as mulheres cis. Sentir-se insegura, do nosso ponto de vista, eu diria, tem mais a ver com o facto de serem tocadas ou vistas como fracas ou ouvir, dependendo de como se vestem, "tudo bem, estás à procura de e blá, blá, blá", o que eu totalmente discordo. Com os homens, a ameaça é maior... se alguém estiver bêbado... se pode lutar ou algo do género. E acho que socialmente (...) os homens são menos capazes ou sentem-se menos confortáveis para revelar "sinto-me inseguro". (P6_MC_LUX).

A partir do momento em que estou de mãos dadas com o meu namorado e passo por uma zona onde tem gente que não é tão alterna ou assim, já começa a meter um bocado de medo. Já tens os olhares. E depois, isso é só dar as mãos, imagina agora as vezes em que eu me posso vestir com uma roupa que não seja considerada tão masculina. (P1_TNB_PT)

- **Socialização de género e personificação do medo**

Ao discutirem a perceção de segurança/insegurança em ambientes de diversão noturna, as **MULHERES CIS** e as pessoas **TRANS e NÃO-BINÁRIAS** revelaram que, devido à sua identidade/atribuição de género, aprenderam – principalmente através da sua família e dos meios de comunicação social – que poderiam ser alvos de violência de género em ambientes de diversão noturna. Não obstante partilhem experiências difíceis, a violência que aprenderam ao ouvirem sistematicamente sobre o assunto resultou na personificação do medo que as faz sentir-se inseguras em contextos específicos (particularmente na rua e fora dos estabelecimentos).

(...) mas este medo também é construído por nós, certo? Talvez no início não sintas medo, mas as pessoas à tua volta dizem: e se acontece isto...? E se acontece aquilo... e finalmente acabas por sentir medo, certo? No final de contas, se alguém à nossa volta sofreu uma agressão ou se sentiu inseguro (...) ou algo do género, isso também é transferido para ti, e quer queiramos quer não, acabamos por interiorizar isso, certo? (P4_MC_ESP)

- **Comportamentos protetores**

Para lidar com o medo e a perceção de insegurança durante a noite, várias pessoas entrevistadas, particularmente as **MULHERES CIS** e as pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS**, relataram algumas das estratégias de proteção que implementam para evitar violência e assédio. Em todos os grupos focais e entrevistas, a maior parte das referências às estratégias de proteção centraram-se na sua mobilidade no espaço público ou no transporte público noturno, antes e depois de entrar num local ou evento de diversão noturna, demonstrando que, no geral, ficam aterrorizadas fora de ambientes lotados e sociais. O grupo de **PROFISSIONAIS** confirmou que as mulheres cis e as pessoas trans e não binárias referem desproporcionalmente sentir medo à noite.

Pelo menos, pela minha experiência pessoal, sempre que saio à noite, mais quando estou a chegar a casa, que é o horário em que estou sozinha, corro do carro para casa. Há sempre aquela insegurança de... é de noite, é muito tarde... está alguém na rua... hum... acho que é normal ou normativo que os homens, neste caso, sintam menos insegurança, se estiverem sozinhos porque... se virmos as notícias, há quase uma conceção social de que os homens não correm tanto risco de serem abordados ou de estarem em perigo. Portanto, talvez isso também contribua para o seu sentimento de segurança. (P1_MC_PT)

Algumas pessoas entrevistadas relacionaram o seu medo com as notícias e algumas ameaças urbanas que aprenderam com a família e colegas. As estratégias de proteção são diversas vezes ampliadas para as pessoas pares que não experienciam os mesmos níveis de medo ou perceção de insegurança. Os **HOMENS CIS** foram referidos como

“protetores” ou mesmo “salvadores” em algumas situações, apesar de eles (homens cis) reconhecerem que isso poderia ser inseguro ou socialmente tenso para eles.

Se também fôssemos um pouco mais corajosos e disséssemos coisas, tipo, que ela ou nós os dois ou o que quer que fosse, ou se eu estivesse lá e dissesse “desculpa, ela está a sentir-se desconfortável, podes dançar mais longe?” mas também ((risos)), quer dizer, claro, isso é algo que eu acho que seria melhor. Mas também acho que o que seria melhor para ti pode ser perturbador para a outra pessoa, mas também tenho a sensação de que pode trazer mais problemas, quer dizer, também temos que jogar pelo seguro, certo, agir inocentemente e.. (E1_ESP)

Finalmente, para além das estratégias específicas de proteção individual e de grupo, foi consensual entre as pessoas jovens adultas que os espaços amigáveis queer/LGBTI+ são mais seguros do que os locais heteronormativos convencionais. A este respeito, nos grupos focais com profissionais, particularmente em Portugal e na Irlanda, foi apontado que a turistificação da vida noturna e a hostilidade das pessoas profissionais de segurança são elementos que contribuem para aumentar a perceção de insegurança, particularmente entre mulheres cis e pessoas queer. A falta de espaços queer e de locais para organizar festas queer foi particularmente referida por profissionais do Luxemburgo e de Dublin.

1.4) A pessoa agressora em ambientes de diversão noturna

Para explorar as representações da “pessoa agressora em ambientes de diversão noturna” das pessoas que participaram nos grupos focais e nas entrevistas, utilizamos dois conteúdos: um gráfico do relatório de investigação do projeto Sexism Free Night, destacando que “a maioria das pessoas que relataram ter experienciado alguma forma de violência sexualizada [em ambientes de diversão noturna] afirmaram que esta foi perpetrada por um homem cis” (imagem 3, [anexo 1](#)) e um título de notícia afirmando que “culpar as pessoas migrantes pelas violações no festival sueco não é apenas errado – é perigoso” (imagem 4, [anexo 1](#)). Considerando que, em geral, as pessoas entrevistadas se autodenominaram feministas e de esquerda e demonstraram elevados níveis de intelectualização e consciência relativamente ao sexismo e à violência de género e assédio, as discussões centradas na pessoa agressora tenderam a centralizar as dimensões culturais e sociais estruturais que tendem a perpetuar as assimetrias de género. Porém, ao analisar os seus discursos, foi possível identificar representações mais subtis e estereótipos internalizados relacionados com o perfil da pessoa agressora. Abaixo, categorizamos e descrevemos as principais conclusões relativas aos estereótipos e representações em torno da identidade da pessoa agressora.

- **Quem é a pessoa agressora?**

De um modo geral, todas as pessoas entrevistadas concordaram que a imagem que têm de uma pessoa agressora em ambientes de diversão noturna é a de um homem cisheterossexual. Houve referências à idade que o identificava como um homem mais velho, mas também referiram que em ambientes de consumo de álcool e drogas poderiam ser mais jovens. Podem estar embriagados, pois, segundo as pessoas entrevistadas, o álcool tende a aumentar a sua agressividade, assim como estar em grupos de homens. Nalguns casos, expressaram que tendem a ter mais medo quando a pessoa representa a imagem idealizada do agressor (e.g., desconhecido, mais velho).

Eu descrevê-los-ia como pessoas normais. Tendem a ser pessoas normais. Também não é como se caíssem na mentalidade do agressor, que é um canalha ou uma pessoa mais velha, certo. Eles são pessoas normais. Podem ser jovens..., se for uma festa de jovens, também podem ser jovens e tal... (1) Eu acho que nesses ambientes, bom, o que acontece é que no ambiente de rave, caramba, tende a ser, sim, são pessoas que tendem a ficar um pouco mais bêbadas e portanto, se calhar, é uma coisa que não fariam sóbrias, mas acabam por fazer. Mas, bem, isso não o justifica, mas a minha experiência de beber diz isso. (E2_ESP)

As pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS** relataram que o assédio sexual em cenas queer pode estar relacionado com a socialização da masculinidade dos assediadores, e que é mais visível em festas *sex-positive*.

(...) apesar de ser um espaço queer, as pessoas às vezes esquecem-se que os outros que estão ali à beira não deram consentimento para que houvesse esta intimidade física, que muitas vezes acontece, apesar de no dia a dia as pessoas da comunidade LGBT terem, eu diria, um conhecimento... dos problemas sociais acima do normal, pela posição em que nos encontramos. No entanto, chega a uma festa e acontece muitas pessoas que, completamente, ou negligenciam esses, hum, esses tópicos, ou simplesmente não se lembram ou não sentem que se aplica a esse local específico e que, daí, quebram esses boundaries que as pessoas podem ter. Só porque uma pessoa está a festejar não quer dizer que os outros tenham direito a tocar-lhe nem apalpar, nem qualquer coisa desse género. (P1_TNB_PT)

- **Relação com a pessoa agressora**

Quando questionadas, diferentes pessoas entrevistadas descreveram a relação com a pessoa agressora de forma diferente. No grupo focal com **MULHERES CIS** no Porto, houve uma discussão interessante onde, apesar de tenderem a identificar o agressor como um estranho, também assumiram que poderia ser um amigo que estava num estado alterado de consciência e, conseqüentemente, mais desinibido. Outras pessoas entrevistadas, especialmente do grupo focal com pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS** em Espanha, identificaram as pessoas suas assediadoras como alguém do seu grupo de pessoas amigas.

- **Justificação do comportamento da pessoa agressora**

Durante as discussões, alguns argumentos estereotipados tenderam de alguma forma a justificar ou compreender o comportamento da pessoa agressora. Considerando o elevado nível de conhecimento das

peças entrevistadas, estes foram muito subtis e circunscritos, mas ainda assim relevantes para serem destacados considerando os objetivos desta pesquisa. Houve poucas referências à alegada hipersensibilidade biológica dos homens à violência, à sua falta de compreensão da mutualidade sexual e/ou resistência sexual, e à sua falta de consciência decorrente dos seus processos de socialização de género e desempenho da masculinidade hegemónica.

Sim, penso que algumas violações, por parte do agressor, não o são: ele tem consciência de que está a cometer uma violação e talvez tenha interpretado mal os sinais e pensado que um não, não era um não, era um sim. E se ela tivesse interpretado os sinais corretamente, não teria feito nada. Depois, há muitas outras que são conscientes. (P5_MC_ESP)

- **(Des)identificação com a pessoa agressora**

Embora todas as pessoas entrevistadas considerassem que o assédio sexual era muito prevalente em ambientes de diversão noturna, e algumas delas até partilhassem histórias pessoais, nenhuma se identificou como a pessoa agressora. No entanto, numa das entrevistas coletivas com **HOMENS CIS** em Portugal, dois dos participantes partilharam algumas experiências passadas assumindo que, apesar de não terem intenção ou de não estarem conscientes do impacto dos seus comportamentos, sentiram que poderiam ter um impacto sobre as outras pessoas.

Não sinto que os homens cisgéneros me representem. Faço parte deste grupo e não sinto que eles me representem. Eu acho muito triste, lá está, as percentagens são tão altas, e eu fiquei a pensar (...) Lá está, talvez até eu tenha feito... eu pratiquei certos assédios. Eu estava a

lembrar-me de uma experiência um pouco engraçada, mas depois pensei muito sobre isso. Que eu estava NOME DO EVENTO e tomei MDMA e foi só abraços, beijos, etc, muitos beijos para os meus amigos. E uma rapariga passou de óculos que diziam: "beija-me". E eu disse, "sim! Vou-te dar um beijo!" E ela ficou muito [expressão de surpresa]... E só depois percebi o que estava a fazer. E lá está, talvez ela tenha sentido... Da minha parte, assédio - não era a intenção - mas foi aí que eu realmente percebi como as coisas são e... não sei. (P3_HC2_PT)

- **"Racialização do sexismo"**

Ao discutir a cidadania da pessoa agressora, ativado pelo título de notícia apresentado na imagem 4 ([anexo 1](#)), a maioria das pessoas entrevistadas considerou que é errado culpar as pessoas migrantes por violações que podem acontecer num ambiente de festival ou vida noturna. O título desta subcategoria baseou-se nas críticas que surgiram nos grupos focais em Itália, nos quais comentaram sobre uma situação local de violência sexualizada onde os meios de comunicação social usaram esta expressão para culpar as pessoas migrantes pela ocorrência.

Foi interessante notar que em todos os grupos focais, o arquétipo de migrante que emergiu foi de uma pessoa que representa um grupo migratório do sul global e de países e geografias conhecidos pela sua falta de políticas de igualdade de género. Seguindo a ética de não prejudicar (*Do No Harm*), não estamos a replicar os nomes destes países e identidades étnicas para minimizar a possibilidade de reprodução de estereótipos prejudiciais. Contudo, vale a pena

acrescentar que a pessoa migrante raramente era percebida como uma pessoa branca do norte global.

Algumas pessoas sublinharam que, ao nomear a pessoa autora da violência sexualizada, existe um distanciamento cultural deste tipo de crime e uma extrapenalização e exclusão de migrantes que servem agendas políticas de extrema direita. Apesar da discussão politizada e racional, algumas pessoas também assumiram parte do seu racismo internalizado, expressando que podem sentir-se mais desconfortáveis ou inseguras quando a pessoa que reconhecem como potencial agressora é uma pessoa migrante.

Hum, mas, por exemplo, acho que se for uma pessoa do Reino Unido a olhar para mim, a primeira vez vou pensar que é normal, mas talvez se fosse uma IDENTIDADE ÉTNICA, talvez o meu primeiro pensamento seria: "Porque é que ele está a olhar?". (P3_MC_PT)

Por fim, ao analisar o conteúdo dos grupos focais com **PROFISSIONAIS**, tivemos uma descrição mais complexa e matizada do perfil da pessoa agressora. As informações que partilharam basearam-se nas suas experiências de apoio a pessoas que experienciaram violência de género, na intervenção junto de pessoas que consomem drogas e/ou jovens, ou no seu trabalho em ambientes de diversão noturna. Por esta razão, o seu perfil tendeu a ser mais fundamentado em casos reais observados ou apoiados no âmbito da sua atividade profissional.

No início da discussão, as pessoas participantes dos diferentes grupos focais demonstraram o seu ceticismo quanto à relevância de traçar o perfil da pessoa agressora (particularmente no Grupo Focal com profissionais do Luxemburgo e de Milão). Algumas delas consideraram que poderia ser problemático descrever ou atribuir características à pessoa agressora porque poderia haver o risco de transformar algo culturalmente estrutural em atributos individuais. Nesta discussão, tenderam a atribuir os comportamentos perpetradores aos processos de socialização de género, mas também ao sentimento de impunidade destes comportamentos em ambientes de diversão noturna e ao papel do consumo de álcool e drogas na facilitação da agressividade de género. Após este momento, as pessoas profissionais passaram a elaborar e a atribuir algumas características à pessoa agressora, tendo como referência as suas experiências laborais. À semelhança das perspetivas das pessoas jovens adultas, as pessoas profissionais consideraram que a VG é perpetrada principalmente por homens cis. No entanto, em comparação com as perceções das pessoas jovens adultas, verificaram-se algumas diferenças no perfil da pessoa agressora. Identificaram-na como cidadã ou turista de países europeus (particularmente do Norte da Europa). O grupo de **PROFISSIONAIS** também considerou que normalmente a pessoa agressora não é uma pessoa completamente estranha, mas alguém que a pessoa vitimada conhece ou começa a confiar.

As pessoas profissionais de todos os grupos focais identificaram a violência no namoro e os desequilíbrios de poder nas relações de intimidade como algo que também prevalece em ambientes de diversão noturna e que deve ser considerado na intervenção.

Portanto, partindo um bocadinho, mais uma vez pela minha experiência de aconselhamento (...), a maioria dos agressores [de violência sexualizada] são homens cis portugueses. Às vezes, elas [as vítimas] não conheciam a pessoa, e acabavam por se encontrar com ela nestes ambientes noturnos, mas eles [os agressores] transmitiam uma certa, uma certa confiança aqui, durante... toda a diversão, não é? Durante o tempo em que estiveram na discoteca e depois acabava por escalar no final da noite, quando, por exemplo, queriam levar a rapariga para casa, ou queriam ter relações sexuais com ela, e ela acabava por dizer que não. Ou, muitas vezes neste caso, também ao adulterar as bebidas. Também já tivemos alguns casos assim, hum... Às vezes são pessoas que elas já conheciam e com quem saíram e, depois, até pelo próprio consumo [voluntário] [de substâncias psicoativas], hum, acaba em situações de violência sexual. (P1_PROF_PT, psicóloga que trabalha num centro de apoio à vítima).

Foi o que eu vi. Homens. Nunca vi homens de [NOME DO PAÍS DO SUL GLOBAL], e posso dizer-vos que desde 2018, trabalhei em inúmeras festas, e nunca vi um homem de [NACIONALIDADE DO SUL GLOBAL] de qualquer idade, ser acusado de agressão sexual ou sexista, ou mesmo de incidentes LGBTIfóbicos. Porque não chegam ao stand, ou talvez eu não veja, ou talvez, não sei, aconteça menos. Os casos que chegam ao stand são sempre de turistas brancos da Inglaterra, da França, da Alemanha, de qualquer lugar, que vêm aqui para se soltarem, e muitos fascistas brancos espanhóis. Peço desculpa. (P1_PROF_ESP., profissionais que atuam nos Pontos Lilás – iniciativas de proximidade para detetar e responder à violência sexualizada em eventos de grande dimensão)

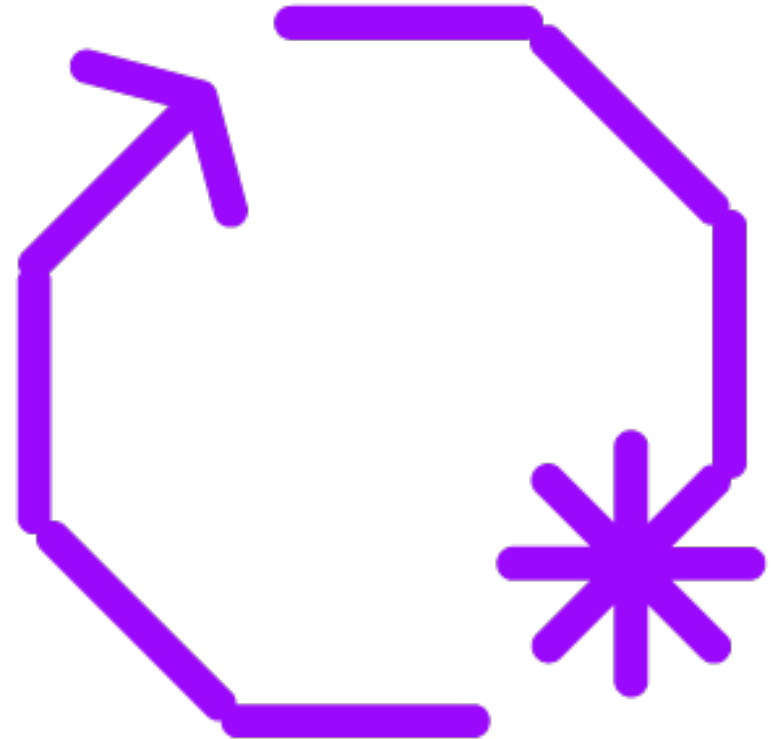
1.5) Reconhecimento da violência

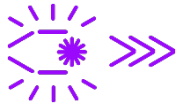
Outro tema interessante que surgiu na discussão foi o reconhecimento da violência ou a tomada de consciência de que o que lhes aconteceu foi uma forma de violência ou assédio. Este tópico surgiu particularmente entre algumas pessoas entrevistadas dos grupos de **MULHERES CIS E HOMENS CIS**. De um modo geral, consideraram que, nalguns casos, precisam de tempo para processar e compreender o que lhes aconteceu. A discussão em torno deste tema permitiu uma elaboração matizada, particularmente no grupo focal com **MULHERES CIS** em Itália e numa das entrevistas coletivas com **HOMENS CIS** em Portugal. Num caso, uma mulher relatou que é mais difícil compreender a VG no contexto de uma relação íntima, com o acordo posterior do restante grupo. Já os **HOMENS CIS** são referidos como tendo mais dificuldades em reconhecer a violência e o assédio que vivenciam e, mesmo quando os sentem, tendem a ser silenciados ou ridicularizados pelos seus grupos. Além disso, foi relatado que os homens têm mais dificuldades em reconhecer os seus comportamentos como assédio ou violência.

E quero dizer, na minha opinião, é menos fácil de perceber. Quer dizer, eu conheço muitas pessoas que são muito rígidas em relação a 'o homem não me pode tocar, não pode olhar para mim quando estou por perto, mas o meu namorado pode ser muito ciumento, e ir um pouco mais longe', fazer o que, para mim, é violência e para essas pessoas se calhar não é, isso é uma coisa que eu sofri muito, por exemplo. (P5_MC_IT)

Eu tive uma experiência, aconteceu eu sofrer uma violência e apercebi-me disso há um ano. Eu era pequena, tinha 16 anos. Por isso, apercebemo-nos depois, apercebeste depois, apercebeste que foste obrigada a fazer certas coisas, mas na altura não nos apercebemos realmente... (P3_MC_IT)

Uh, o que eu disse sobre demorar para passar pelo processo e perceber que era violência... A partir do momento em que comecei a falar sobre isso com amigos, uh, houve amigos meus que começaram... Na altura, diziam "isso aconteceu mesmo?", pessoas com quem eu realmente tinha confiança para falar. E eles "a sério, o que é que aconteceu? Mas a sério? Mas tens a certeza? Eles não queriam acreditar, mas (...) Uh, esses dois rapazes, em particular, estavam lá para mim e disseram: "ah, não me tinha apercebido", "Mas foi a primeira vez que isso aconteceu contigo?" E eu "não", e eles: "Ah... Nunca me aconteceu!" Mas depois começamos a conversar novamente. E eles voltam a dizer "olha, eu estava a pensar naquilo que estávamos a falar... acho que, na verdade, talvez já tenha tido situações destas em que pensei..." (P2_HC2_PT).





2. Estereótipos de género relacionados com o consumo de drogas em ambientes de diversão noturna

Para recolher informação sobre os estereótipos de género e as experiências de género associadas ao consumo de drogas, pedimos aos diferentes grupos focais e pessoas das entrevistas que comentassem algumas estatísticas centradas no consumo sexualizado de drogas (imagem 5, [anexo 1](#)), um título de notícia que comentava sobre a degradação social das mulheres que consomem álcool (imagem 6, [anexo 1](#)), uma imagem que mostrava uma pessoa a adicionar gotas a uma bebida (imagem 7, [anexo 1](#)) e um conteúdo preventivo com mensagens de culpabilização das vítimas.

A análise de conteúdo revelou 6 temas principais que surgiram nas narrativas das pessoas jovens adultas e profissionais ao discutirem a violência de género e o assédio em ambientes de diversão noturna, nomeadamente:

- **Consumo de drogas e o aumento da vulnerabilidade sexual das mulheres**
- **Mulheres não precisam de drogas para fazer sexo e os homens usam drogas para “caçar”**
- **Consumo de drogas, desinibição e aumento da confiança**
- **Consumo de álcool e duplos padrões de género**
- **Culpabilização das vítimas em ambientes de diversão noturna**
- **Spiking e o mito das drogas da violação**



Neste relatório, utilizaremos “consumo de drogas” como um termo abrangente para incluir o uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. Quando necessário, utilizaremos “beber”, “consumo de álcool” ou o nome de outras drogas, em situações específicas onde foram referidas ou o seu uso foi destacado pelas pessoas entrevistadas. Abaixo, apresentamos os principais resultados organizados por tema e desagregados por grupo – mulheres cis (MC), homens cis (HC), pessoas trans e não binárias (TNB) e profissionais (PROF).

2.1) Consumo de drogas e o aumento da vulnerabilidade sexual das mulheres

Um dos principais temas que emergiram nesta discussão foi a atribuição estática de maior vulnerabilidade às mulheres que fazem consumos de álcool e/ou outras drogas em ambientes de diversão noturna. Consideramos que se trata de um estereótipo de género porque reproduz uma representação problemática da feminilidade como inerentemente fraca e suscetível de violação, sendo o uso de drogas representado como um comportamento que aumenta a vulnerabilidade e, conseqüentemente, facilita a violência sexualizada. Foi possível observar a adesão a este estereótipo nos discursos das pessoas jovens que participaram neste estudo, independentemente da sua identidade de género e país. Na análise de conteúdo, notamos que a adesão a este estereótipo impacta os comportamentos de beber e usar drogas das mulheres, que tendem a sentir mais medo e a adotar estratégias comportamentais mais protetoras quando comparadas com os homens cis e as pessoas trans e não binárias. No discurso de algumas pessoas entrevistadas, também encontramos resistência aos estereótipos de género.

¹Considerando que a vulnerabilidade pode ser descrita como um atributo inerentemente interno, utilizamos intencionalmente o conceito de vulnerabilização para destacar o processo externo e a natureza estrutural das assimetrias de género.

Em particular, expressaram as suas críticas à ideia simplista de que as mulheres são inerentemente

fracas e vulneráveis e que o consumo de álcool aumenta a sua vulnerabilização sexual.¹.

Assim, o aumento do consumo de drogas durante a noite significa também que se está a aumentar a probabilidade de se ser aproveitada ou assediada, etc. Estar menos consciente devido aos efeitos das drogas. Por isso, pelo menos para mim, às vezes fico um pouco preocupada quando fico um pouco mais bêbada e paro mais cedo. Se eu fosse homem, poderia muito bem continuar a beber e a divertir-me e ver o que acontece. (P4_MC_LUX)

2.2) As mulheres não precisam de drogas para fazer sexo e os homens usam drogas para “caçar”

Outro tema que prevaleceu nos discursos das pessoas jovens em todos os grupos focais foi a ideia de que é fácil para as **MULHERES CIS** terem acesso a pessoas parceiras sexuais. Pelo contrário, os homens precisariam de drogas para aumentar a sua confiança, poder e coragem nesta procura.

Acreditamos que estes sejam estereótipos problemáticos que reproduzem o mito de que os homens são ativos e dominantes no sexo, enquanto as mulheres são passivas e sexualmente dependentes. Também confina o **HOMEM CIS** à categoria de “caçador” sempre em busca de sexo em ambientes de diversão noturna.

OK. Quero dizer, com base nisso, eu digo que talvez sim, o homem sente-se mais inseguro para, tipo, demasiado, demasiado inseguro para conseguir o que deseja [sexo]. E uma mulher é mais do tipo, sim, eu sei que hum, se eu quiser eu consigo [sexo] sem, sem muita, sem muita luta. (P2_HC_LUX)

Adicionalmente, algumas pessoas entrevistadas destacaram que, além do uso de álcool ou outras drogas para aumentar a confiança e a desinibição, o álcool e/ou outras drogas podem ser usados pelos **HOMEN CIS** como ferramentas para “quebrar o gelo” e serem ativos no estabelecimento de um primeiro contacto com alguém em quem estão interessados, mas também para facilitar interações sexualizadas, induzindo vulnerabilidade química.

(...) tinha um amigo que, há uns anos, hum, quando era mais novo, andava com uma pessoa mais velha, eu acho, em quem confiava, e, e depois ele ofereceu-lhe uma bebida, e suponho que nesse sentido ele estava desinibido e depois, não tinha pensado nisso até agora, porque é... mas é claramente uma situação em que o álcool... porque tenho a certeza que ele estava a beber. Bem, não acho que isso fosse a raiz do problema, hum, mas de certeza que não ajudou. (E1_ESP)

No entanto, foi interessante notar que, ao falarem sobre as suas experiências sexualizadas de consumo de drogas, as pessoas entrevistadas apresentaram discursos mais matizados, fluídos e

menos rígidos que até contradiziam e transcendiam as representações binárias de género discutidas anteriormente. Algumas **MULHERES CIS** revelaram que as drogas aumentam a sua confiança nas interações sociais e permitem-lhes relaxar e sentir prazer durante o sexo. Enquanto as pessoas entrevistadas dos grupos de **HOMENS CIS** e de pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS** introduziram alguma complexidade à discussão em torno do potencial das drogas para o sexo. Elas presumiram que as drogas poderiam facilitar a interação social e até aumentar a excitação sexual, mas também poderiam comprometer o desempenho sexual masculino. Algumas pessoas também tentaram apresentar justificações para as disparidades nas estatísticas apresentadas na imagem 5, especificamente, a personalidade da pessoa (particularmente timidez ou agressividade), a fisiologia masculina (hipersensibilidade) e a socialização de género (cultura, pornografia). Algumas pessoas argumentaram também que as drogas poderiam ser usadas para construir a confiança necessária para realizar comportamentos violentos e de assédio. Algumas pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS** relataram que, devido aos seus processos de socialização específicos de género e à falta de referências para criar uma intimidade sexual, as drogas podem ser usadas como uma ferramenta para construir confiança para abordar outras pessoas.

2.3) Consumo de drogas, desinibição e aumento da confiança

A análise de conteúdo demonstrou que, independentemente da identidade de género e do país, a desinibição e o aumento da confiança e da sociabilidade foram fortes motivações para consumir álcool e/ou outras drogas entre as pessoas jovens que participaram neste estudo. No entanto, houve diferenças subtis relacionadas com o género nestas motivações específicas e no propósito da desinibição. As **MULHERES CIS** relataram que consomem drogas para aumentar a sua confiança e sociabilidade ao participarem de ambientes de diversão noturna. Algumas entrevistadas apontaram ainda que se sentem mais livres e seguras quando bebem, demonstrando que percebem estes contextos como inerentemente hostis para elas.

Pessoalmente, tento-me limitar a apenas algumas bebidas. Por exemplo, eu tenho um limite, algumas pessoas ultrapassam-no ligeiramente, sinto-me mais segura. Mas, pessoalmente, tento manter-me no meu limite de uma quantidade bastante baixa de bebidas, para estar atenta ao que está a acontecer à minha volta, para o caso de me acontecer alguma coisa ou a um dos meus amigos, o que não é divertido pois tenho de estar sempre atenta a isso. Mas é o que é, infelizmente. (P1_MC_IR)

Algumas pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS** afirmaram que as drogas aumentam a sua confiança social e sexual e a perceção de serem aceites. Algumas pessoas expressaram que as drogas também são úteis para lidar com a sua disforia de género.

(...) Quer dizer, posso encontrar uma motivação talvez para usar drogas e álcool - digo álcool porque é a substância que mais usamos, já que é legal, se calhar - para ter experiências sexuais, porque se calhar às vezes, quer dizer, como pessoa trans - e aqui coloco a minha experiência - ahm, é muito mais difícil conseguir-me soltar desse ponto de vista. Por uma série de situações relacionadas com a disforia [de género], coisas assim, ou seja, o medo de não ser... Não sei, da performatividade, de não corresponder a determinados padrões. E, portanto, se calhar, não sei, quer dizer, ficar bêbado ou fumar, ficar um pouco mais alegre, isso faz-nos ultrapassar alguns preconceitos, chamemos-lhe assim, e dizemos 'Ok, eu posso' (...) (P1_TNB_IT)

Os **HOMENS CIS** consideraram que as drogas podem ser utilizadas para aumentar a sua confiança e para facilitar a socialização e a procura de pessoas parceiras sexuais. Alguns entrevistados relataram que o álcool os ajuda a relaxar, a acalmar-se e a sentir-se mais confortáveis.

Sim, não gosto da forma como o lazer está subordinado ao consumo de álcool, mas sinto-me mais confortável... Quer dizer, suponho que deve ser mais uma questão de relaxamento, porque penso menos e sinto-me mais confortável quando bebo numa festa. Cria um certo conforto. (E1_ESP)

Algumas pessoas entrevistadas também destacaram o seu uso sexualizado de drogas específicas e, em quase todos os grupos focais e entrevistas, os espaços queer foram referidos como contextos mais seguros para o uso sexualizado de drogas, particularmente devido à sua positividade sexual afirmada.

O grupo de **PROFISSIONAIS** também destacou o uso de drogas pelas pessoas jovens para efeitos de desinibição, para perder o controlo e para aumentar a confiança social e sexual. Consideraram também ambientes e espaços de diversão noturna que promovem uma cultura de intoxicação e consumo de drogas. Algumas pessoas também destacaram o papel da socialização de género nos padrões de consumo de drogas e no consumo sexualizado de drogas entre as comunidades queer.

Cultura; identidade; acessibilidade; acessibilidade económica; disponibilidade, sim. (P6_PROF_IR)

Saúde mental; ansiedade; depressão. Cultura, é muito normalizado o uso de álcool e drogas de qualquer maneira. (P7_PROF_IR)

E o que P1_PROF_IR mencionou anteriormente sobre o facto de haver falta de opções sóbrias para socializar. (P5_PROF_IR)

Sim, tenho duas teorias. As mulheres lésbicas consomem mais drogas relacionadas com a empatia, as boas energias, drogas que lhes permitem viver a sua sexualidade com menos tabus. Geralmente, consomem-nas em espaços seguros ou LGBTQ+. As mulheres lésbicas não vão a um festival e consomem fortemente porque vão enfrentar reações de todos os lados: por serem lésbicas e por estarem drogadas, certo? Por outro lado, os homens heterossexuais consomem uma enorme quantidade de álcool, cocaína, anfetaminas. São drogas que lhes dão uma sensação de poder desinibido, reforçando as normas de género da masculinidade, certo? Força, poder e impunidade. A comunidade LGBTQ+, bom, gays, desculpem, estou a confundir-me um pouco, estão algures no meio, certo? Uma mistura. Vejo-os a usar muito o espaço público, em festas públicas. O uso de álcool, cocaína e M [MDMA], isso molda uma certa... não sei se é para tolerar melhor a festa ou para se divertirem melhor ou porque precisam... se calhar é mais fácil para eles aguentarem insultos

homofóbicos quando estão no festival. Não sei; é como se tivesse de categorizar, faria assim: em termos de efeitos das drogas, vais a uma festa lésbica e elas estão todas a tomar M. Todas elas. ((algumas pessoas riem)) É intenso. M e speed. OK. Vais a uma sauna gay, metanfetamina, a outra, como é que se chama... bufedrona... são estimulantes super potentes, não é? Eles estão relacionados com a estimulação, a duração mais longa, a ereção, a atividade sexual, etc. (P1_PROF_ESP)

2.4) Consumo de álcool e duplos padrões de género

Ao analisar os discursos das pessoas jovens sobre o consumo de álcool em ambientes de diversão noturna, foi possível detetar duplos padrões de género (avaliar mulheres e homens de forma diferente para o mesmo comportamento) na perceção social do consumo de álcool e drogas. Nalguns casos, partilharam experiências pessoais, particularmente no contexto de grupos de pessoas amigas, mas também em relações íntimas. Abaixo, apresentamos os principais padrões duplos em relação ao uso de álcool e/ou outras drogas identificados na análise de conteúdo.

- **As mulheres que participam em culturas de consumo de álcool são percebidas como mais disponíveis sexualmente**

Ao comentar o título de uma notícia partilhado no sexto conteúdo dos grupos focais, várias pessoas participantes concordaram que as mulheres que bebem em ambientes de diversão noturna tendem a ser vistas como mais disponíveis sexualmente. Este estereótipo demonstra

outra dimensão da cultura da sexualização das mulheres nestes contextos sociais, onde estados alterados de consciência são percebidos como um sinal de que estão abertas a interações sexuais e acessíveis. Nos seus discursos, algumas pessoas entrevistadas revelaram a internalização desse estereótipo.

*[É isso que estou a dizer] Tipo, eu não me comporto da mesma maneira que me estou a comportar aqui. Se eu estiver no meio de uma discoteca a beber, e... talvez se alguém estiver a ver de fora, pensaria que eu estava mais sexualmente disponível numa discoteca do que fora dela. E depois há muita objetificação, principalmente em mulheres bêbadas. Eu já vi isso, sem querer envergonhar nenhuma mulher nem nada, mas quando saio à noite, já vi raparigas assim...que tiram as saias porque estão com calor ou tiram a camisa porque está quente. (P4_MC_PT)
 Os rapazes fazem o mesmo, só que para eles é [normal...-] (P1_MC_PT)*

- **Estados alterados de consciência comprometem os atributos tradicionais da feminilidade**

Em linha com o estereótipo anterior, algumas pessoas partilharam a sua perceção de que as mulheres que se embriagam ou consomem drogas transgridem socialmente os guiões de feminilidade hegemónica e, por esta razão, são percebidas pelos homens cis como potenciais parceiras sexuais, mas não como potenciais parceiras para uma relação íntima. Estes dois estereótipos reproduzem a antiga dicotomização moral das mulheres que são avaliadas estática e rigidamente como “mulheres boas” ou “mulheres más”. Além disso, algumas **MUHERES CIS** revelaram, mais ou menos explicitamente que,

no contexto de uma relação íntima, experimentam algum controlo por parte das pessoas parceiras e diferentes padrões de regulação, no âmbito do casal, do consumo de álcool e drogas.

E eu diria que as pessoas já me viram dessa forma. Eu não me percebo particularmente das outras pessoas dessa forma, mas definitivamente já fui percebida dessa forma. Numa conversa que tive recentemente com um amigo meu, ele disse, "Oh, tu sabes, tipo." Ele está sempre a fazer o que quer que esteja a fazer, eu não sei, mas ele estava tipo, "Oh, como se eu alguma vez pudesse, não gostaria de estar com uma rapariga que é assim o tempo todo. Não gostaria de estar com uma rapariga que tem uma grande contagem de corpos." E eu disse: "NOME DO AMIGO, qual é a tua contagem de corpos?" É que eles não têm os mesmos padrões que esperariam de outras pessoas e isso é obviamente um pequeno caso e apenas a minha experiência pessoal. Mas as pessoas são, não é sempre, mas às vezes são percebidas como menos. (P5_MC_IR)

- **Sexualização das mulheres em ambientes de diversão noturna**

A sexualização das mulheres em ambientes de diversão noturna representa uma (re)produção e uma (re)configuração das normas tradicionais de género. Isto significa que a visão tradicional da feminilidade é adaptada a estes ambientes sociais que influenciam o comportamento das mulheres, mas também o comportamento dos homens e as práticas comerciais e publicitárias dos locais (e.g., noite das mulheres, bebidas gratuitas para as mulheres, *dress code*).

Como o dress code. Eles deixam entrar uma rapariga de salto e vestido antes de deixar entrar uma rapariga que está confortável de ténis e calças normais (...) (P5_MC_ESP)

- **Percepção social de género da embriaguez**

As pessoas entrevistadas disseram que beber muito ou consumir drogas de forma excessiva é, em geral, socialmente humilhante. No entanto, avaliam de forma diferente as mulheres e os homens que experienciam efeitos excessivos das drogas que consumiram. Embora considerem que isso pode tornar as mulheres mais vulneráveis e expostas a potenciais situações de violência sexualizada, estes efeitos são vistos como uma desculpa para os comportamentos de assédio dos homens. Além disso, as **MULHERES CIS** relataram sentir-se culpadas, arrependidas e envergonhadas após um episódio de consumo excessivo de álcool/drogas, enquanto alguns **HOMENS CIS**, apesar de se sentirem envergonhados, referem que o episódio virou piada no seu grupo de pessoas amigas.

(...) Escondemos a educação do homem, de quem viola uma pessoa, mas temos de ter mais cuidado, é a mulher que tem de [ter cuidado]. Aconteceu comigo, quando voltamos de uma noite, que se calhar não nos lembramos do que dissemos na noite anterior, pensamos sempre em como pudemos ter feito figuras ridículas. Eu tenho namorado, quer dizer, ele não diz 'fiz figura de parvo', como eu digo. Quer dizer, eu digo muitas vezes: "Fiz figura de ridícula ontem à noite". (P3_MC_IT)

Vejamos, não é por ser homem, acho ridículo ((risos)), todas as pessoas, não é por ser homem, ridículo pode ser uma palavra muito ofensiva, mas temos pena de ver uma pessoa deitada no chão a vomitar, bem nesse sentido temos, não é por ser homem que acho mais ridículo, compreendo, que se colocasse a mulher numa imagem parecida também funcionaria, mas no caso da vulnerabilidade, dado que há mais agressões por parte de homens sobre as mulheres em geral, embora o álcool possa tornar-nos todos igualmente vulneráveis, quem

está mais exposto neste sentido é claramente a mulher, é verdade que há mais agressões (...) ((risos)). [E1_ESP]

O grupo de **PROFISSIONAIS** apontou que existem duplos padrões de género na avaliação da embriaguez, as mulheres que estão embriagadas são vistas como mais vulneráveis e tendem a ser mais degradadas socialmente. Reforçaram também que a embriaguez é vista como algo que justifica comportamentos de assédio ou violentos. À semelhança do que foi relatado pelas pessoas jovens entrevistadas, o grupo de profissionais também afirmou que em termos de cuidado em ambientes de diversão noturna, as pessoas estão mais conscientes e mais vigilantes em relação às mulheres que identificam como vulneráveis do que aos homens na mesma situação.

Afinal, tenho algo a dizer. Por outro lado, as mulheres são mais cuidadas e então sentimos um pouco mais, não de pena, mas ((imita uma voz excessivamente exagerada e preocupada)), hum, espero que ela chegue bem a casa ou, hum, espero que ela não seja raptada ou que lhe ponham algo no copo. Portanto, a pessoa parece, como já foi dito, um pouco mais vulnerável (...) tipo, um observador que pensa: "ah, espero que ela esteja bem". Tipo, quando um homem fica ali deitado, sim, se calhar, não faço ideia... mas geralmente não pensamos: "ah, devo ajudá-lo?", comparado com uma mulher... (P2_PROF_LUX)

2.5) Culpabilização das vítimas em ambientes de diversão noturna

Ao analisar os discursos das pessoas participantes, nomeadamente ao comentarem a imagem 8, foi possível constatar que, de uma forma geral, houve uma forte crítica às narrativas de culpabilização das

vítimas. Mas, nalguns casos, foi possível ver alguma internalização das imagens de culpabilização das vítimas. As pessoas **PROFISSIONAIS** também apontaram que o consumo voluntário de álcool e/ou drogas entre as mulheres reforçou a culpabilização das vítimas entre as mulheres que experienciaram violência.

Pelo contrário, o comportamento violento ou de assédio dos homens tende a ser desculpado ou justificado pelos mesmos comportamentos de consumo de drogas.

Porque quando ela bebe, fica mais desinibida e dá-se a conhecer mesmo para pessoas [desconhecidas] e facilita o contacto, mas depois também... Têm menos controlo, porque, se calhar, não se conseguem proteger tão facilmente. E, lá está, os contextos em que as pessoas bebem facilitam o spiking, bem como outro tipo de coisas. (P3_HC2_PT)

2.6) Spiking e o mito das drogas da violação

Utilizamos a imagem de uma pessoa que deixa cair uma substância num copo com uma bebida (imagem 7, [anexo 1](#)) para analisar as representações das pessoas entrevistadas a respeito da administração sub-reptícia de substâncias (*spiking*) para induzir efeitos não intencionais ou inesperados na outra pessoa.

- **Reação às imagens**

Embora não estivesse claro na imagem se se tratava de uma administração voluntária ou sub-reptícia de drogas, a maioria das pessoas reagiu imediatamente identificando uma situação de *spiking*. Algumas delas até descreveram o contexto de *spiking* e imediatamente

associaram esse comportamento a uma violação consequente, conceituando-o como uma agressão sexual premeditada facilitada por drogas (DFSA).

Houve algumas diferenças na reação à imagem. As **MULHERES CIS** reagiram imediatamente à imagem, relacionando-a com as suas experiências de medo durante a noite e descrevendo narrativas de advertência focadas na prevenção de *spiking* ao sair à noite (voltaremos a este tópico mais tarde). As pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIOS/AS** e os **HOMENS CIS** tenderam a descrever uma cena “típica” de *spiking*.

Houve também algumas nuances na interpretação da imagem que nos deram informações sobre a diversidade de situações de *spiking* que se podem encontrar em ambientes de diversão noturna. Para algumas pessoas entrevistadas, não ficou claro se se tratava de uma situação de *spiking*, uma vez que a imagem poderia representar uma administração voluntária de drogas na sua própria bebida. Outras consideraram que poderia ser uma situação em que uma pessoa foi alvo de *spiking* por pessoas amigas no âmbito de uma partida, ou para melhorar as suas experiências psicoativas.

Acho interessante, pois a primeira coisa que pensei quando vi a imagem foi tipo “UAU, pode estar drogada!” Mas tipo... não pensamos “Estou a drogar-me”, certo? Como se pensássemos que esta mão pode pertencer a outra pessoa que se quer drogar numa discoteca, mas agora pensamos diretamente “podemos ser drogados” por causa disso... Bem, isso também me acontece. Tipo, quando eu saio à noite, os meus pais ficam tipo “ahh, a bebida” (...) (P2_MC_ESP)

- **O mito das drogas da violação**

Algumas pessoas entrevistadas expressaram vários mitos em relação às substâncias utilizadas, particularmente depressores (em específico, Roofies, GHB, ketamina e escopolamina), aos supostos efeitos das drogas e ao seu potencial de violação. Estes discursos demonstram uma centralização nos efeitos das drogas em vez de considerarem o contexto global da vitimização. Algumas pessoas também destacaram que a substância utilizada para induzir a vulnerabilidade química poderia ser o álcool.

O que acontece muitas vezes com estas drogas é mesmo feito para, tipo... [violar]. Há umas que põem a pessoa muito ativa sexualmente, e há outras que, simplesmente, fazem um zombie para que, depois, seja fácil de abusar [sexualmente]. (P1_TNB_PT)

- **Perspetivas sobre o spiking**

Ao partilharem as suas perspetivas sobre o *spiking*, é possível trazer alguma complexidade às imagens e representações do mesmo que, nalguns casos, contrastaram com o imediatismo da sua reação à imagem 7. Algumas pessoas entrevistadas relataram que o *spiking* é quase uma brincadeira/piada entre jovens e, nalguns casos, expressaram a sua vontade de serem alvo do mesmo.

Ha, ha, bem, digam-me e eu vou lá ((risos)) Drogas de graça? Claro, lá está, eu divertia-me imenso ((risos)). (P5_TNB_ESP)

Outras pessoas destacaram que esta é uma forma muito grave de perpetração de violência sexualizada, e que pode acontecer aleatoriamente a qualquer pessoa sempre que uma bebida é deixada sozinha, mesmo que por alguns minutos, enquanto outras expressaram o seu ceticismo em torno da alegada facilidade de adulterar a bebida de alguém.

Sim, então é só pensar em qualquer lugar de encontro, como... fica cheio de copos de cerveja... muito cheios, deixados por aí (...) Mas não só, que não é só por preguiça. E também porque certamente, se deixarmos um copo, mesmo que por 2 minutos num sítio, sabemos que já não é mais seguro aquela coisa lá dentro quando a perdemos de vista, porque não podemos saber que estamos a ser observados e que estão a observar. Sério. (P2_HC_IT)

Apesar do foco na agressão sexual facilitada por drogas, algumas pessoas entrevistadas consideraram que o *spiking* pode ser utilizado por outros motivos, por exemplo, entre grupos de pessoas amigas apenas por diversão e para facilitar um assalto.

Mas tenho certeza que o G [GHB] também é usado para assaltos, e dessa forma, os homens seriam igualmente afetados. Porque, imediatamente, pensamos em violência sexual. Mas também pode ser spiking para um assalto, por isso... (P4_MC_LUX)

- **Experiências de spiking**

Várias pessoas participantes partilharam as suas experiências autorrelatadas de *spiking*. Apesar das diferenças, todas têm em comum a descrição de efeitos inesperados e de uma sensação de vulnerabilidade. Também expressaram um sentimento de sorte, pois

em nenhuma das situações a pessoa foi abusada sexualmente, apesar da percepção de que tal poderia ter acontecido. Algumas pessoas revelaram uma associação direta entre a experiência de efeitos inesperados ou desagradáveis e a percepção de terem sido alvos de *spiking*, especialmente quando alguém lhes ofereceu uma bebida anteriormente. Além disso, embora ao reagirem à imagem 7 as pessoas entrevistadas imaginassem uma mulher cis como vítima, ao partilharem as suas experiências, foi possível perceber que também houve situações em que homens cis e pessoas entrevistadas que passaram por homens cis alegaram ter sido alvo de *spiking*. A maioria das pessoas entrevistadas que partilharam histórias de *spiking*, tanto pessoais quanto de pessoas amigas, não tinham a certeza se houve uma administração realmente sub-reptícia de drogas. Assim, a incerteza foi também algo que emergiu nas histórias de *spiking* e que mediou o seu impacto psicológico. Concomitantemente, várias pessoas também partilharam experiências de *spiking* apenas por diversão nos seus grupos. A este nível, a administração sub-reptícia de drogas foi descrita como um comportamento para melhorar a experiência de pessoas amigas, tendo também sido descrita uma situação de *spiking* acidental de uma pessoa amiga.

- **Spiking como um conto de advertência - Incorporação do medo e comportamentos de proteção**

Em todos os grupos focais e entrevistas, o *spiking* foi descrito como uma realidade tácita que todas as pessoas conhecem. As pessoas entrevistadas trouxeram alguma complexidade às cenas típicas de *spiking*, apresentando o “*spiking for fun*” como algo que pode acontecer como uma brincadeira para potencializar as experiências psicoativas entre o grupo de pessoas amigas. Isto é algo que vale a pena destacar devido ao seu interesse em informar a redução de riscos dirigida às pessoas que usam drogas em contextos sociais. Além disso, nesta secção, discutimos outra dimensão do *spiking* que vale a pena considerar – a socialização das mulheres para a possibilidade de serem alvos de *spiking* e de serem vítimas de violação quando saem à noite. Isto resulta na personificação do medo que pode ser desencadeado quando se sentem vulneráveis à noite. No tópico “medo de sair à noite” e “socialização de género e a personificação do medo”, já destacamos os discursos que nos ajudam a compreender o que as faz sentir-se inseguras e porquê. Conforme discutido, aprenderam sistematicamente através dos meios de comunicação social, das pessoas pares e da sua família que poderiam ser alvos aleatórios de violência, e isso tem impacto na forma como se sentem em ambientes de diversão noturna. No que diz respeito ao *spiking*, segundo as nossas entrevistadas, elas foram socializadas para permanecerem hipervigilantes para se protegerem do *spiking*, utilizando uma etiqueta específica que aumenta a sua percepção de segurança e, em última análise, reforça os seus atributos de feminilidade quando saem à noite,

uma vez que é socialmente esperado que atuem dessa maneira. Tendo isso em consideração, as histórias de *spiking* podem ser consideradas “contos de advertência”, uma vez que “não são apenas histórias que alertam e instruem, mas também esclarecem, enquadram e consolidam os nossos medos e identidades sociais” (Moore, 2009, p. 319). Este é um medo que afeta desproporcionalmente as mulheres.

*Acho que foi a primeira coisa que a minha [mãe me disse]. Também, a primeira vez que saí à noite foi... (P3_MC_PT)
[A minha também!] (P1_MC_PT)
A minha mãe dizia “Nunca deixes o teu copo em lado nenhum” (P2_MC_PT)*

Vejo a imagem e lembro-me que quando eu tinha dezasseis ou quinze anos, quando saía ou começava a sair, o meu pai dizia-me “cuidado com o teu copo, com a tua bebida”, “tapa-o sempre” ou “não deixes que te coloquem nada dentro”, “certifica-te sempre que a bebida está fechada, que não te dão aberta” “vê como é que te poem”. Quer dizer, apercebi-me de que isso poderia acontecer, que podiam pôr algo na minha bebida que me deixaria a dormir, inconsciente, hum, o que quer que fosse e se aproveitassem de mim. (P5_MC_ESP)

Para se protegerem, as **MULHERES CIS** descreveram um conjunto de comportamentos e estratégias de proteção que implementam para evitar o *spiking* (e.g., proteger os copos). Ao descreverem a sua etiqueta *anti-spiking*, algumas participantes partilharam comportamentos de consumo que, em última análise, são mais arriscados em termos de gestão do consumo de álcool (e.g., beber antes de ir para o local, consumo muito rápido). Isto demonstra que,

tendo como referência as suas percepções de risco, algumas mulheres podem estar mais propensas a envolver-se em comportamentos que avaliam como estratégias de proteção para o *spiking* do que em estratégias de redução de riscos para gerir e reduzir os riscos relacionados com o seu consumo de álcool.

*Sim, é verdade, eu lembro-me da primeira vez que fui ao NOME DO LOCAL, claro que os meus amigos ficaram tipo “Não te esqueças de ter o copo sempre contigo, porque pronto, isto aqui é um espaço giro, muito sossegado (não vamos dizer seguro), porque agora a porta está aberta para qualquer um, portanto” (...). OK, bom. Então, eu gosto de 'ok'. A sério, lembro-me de terminar aquela bebida em 0,3 segundos ((risos)), e passei a noite a dançar (...) (P7_MC_IT)
Também tenho amigos que é tipo, se não for permitido levar bebida para a festa, bebem antes e depois aí é que vão, porque há um risco, sempre. Sempre que há assim festas, há um risco, porque é muita gente e há sempre muita gente que, mesmo que se faça de boa pessoa no dia a dia, à noite tem intenções opostas ao que diz durante o dia. (P1_TNB_PT)*

Várias pessoas entrevistadas em diferentes países (particularmente **MULHERES CIS** e pessoas **TRANS E NÃO BINÁRIAS**) partilharam o seu conhecimento sobre diferentes apetrechos *anti-spiking* (e.g., esmaltes de unhas, pulseiras, capas para bebidas), incluindo os websites onde estes itens poderiam ser comprados. Estas referências também demonstraram que os esforços de prevenção e uma sensação de segurança tendem a ser transferidos para tecnologias *anti-spiking*, e estas são fortemente publicitadas comercialmente, demonstrando a monetização capitalista dos receios de *spiking*.

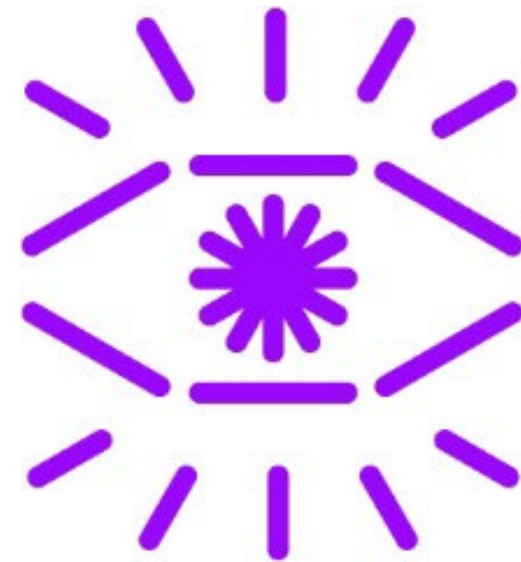
- **A percepção e as experiências das pessoas profissionais**

Ao discutir o *spiking*, as pessoas **PROFISSIONAIS** partilharam as suas perspetivas relativamente às narrativas sociais sobre o *spiking* e os seus impactos de género. Em geral, o grupo enfatizou também o papel de oferecer bebidas alcoólicas ou de influenciar o padrão de consumo de outra pessoa para induzir vulnerabilidade química.

Algumas pessoas, nomeadamente do Porto, partilharam a sua experiência relativamente aos casos de *spiking* que atenderam, incluindo um caso de *spiking* em massa perpetrado pelo proprietário de um espaço que foi denunciado na cidade em 2019. Neste caso, uma psicóloga que apoiou as vítimas partilhou que quando estas acordaram perto do agressor foi muito confuso, uma vez que ele tentou criar memórias alternativas para justificar o ocorrido. As experiências das pessoas profissionais demonstraram que o *spiking* é ao mesmo tempo uma narrativa mitológica e um conto de advertência, mas também uma ameaça real, uma vez que há casos em que a administração sub-reptícia de uma droga é utilizada para facilitar agressões sexuais.

Sim, queria só acrescentar que neste caso de que fala P7_PROF_PT, eu também o conheço. Aqui também houve o depois... Hum, a agressão também foi uma questão de implementar falsas memórias na cabeça dessas mulheres, quase como se fosse toda uma situação de consentimento. Hum, o que também tornou a situação ainda mais difícil, não é? Depois...reorganizando-se mentalmente sobre todos os passos... Porque houve muito disso, outra vez, houve muito disto...criar um ambiente de confiança e de segurança, como se tudo tivesse sido consentido, senão nada tinha acontecido. Hum, como as memórias já

estavam totalmente distorcidas, certo? Devido à droga... Foi mais fácil para o agressor tentar depois também distorcer essas mesmas memórias... (P1_PROF_PT, psicóloga que trabalha num centro de apoio à vítima e que atendeu algumas destas mulheres)



2) BOAS PRÁTICAS CONJUNTAS

Boas práticas e recomendações para prevenir, detetar e responder à violência de género em ambientes de diversão noturna



Nesta secção, apresentamos as 10 boas práticas e recomendações que identificamos na análise da pesquisa documental. As mesmas categorias de práticas foram encontradas na análise qualitativa dos grupos focais e das entrevistas e, por isso, nesta secção complementamos a pesquisa documental com as prioridades identificadas pelas pessoas jovens e profissionais que participaram da pesquisa qualitativa.



2.1) Pesquisa documental

Conforme descrito na metodologia, os parceiros identificaram diferentes práticas na sua investigação documental local, nomeadamente: artigos científicos, capítulos ou outros; literatura cinzenta (e.g., relatórios, *white papers*, manuais) e identificação de práticas (e.g., campanhas, programas de intervenção, protocolos). Foi possível perceber que a maior parte das evidências científicas são provenientes de países de língua inglesa (Reino Unido, Estados Unidos e Austrália) e referem-se a programas de prevenção e educação em campus universitários direcionados a potenciais pessoas agressoras. Por esta razão, e comparando com o que acontece em relação a outros temas relacionados com a violência de género e o consumo de drogas, a evidência científica tende a ser anglocêntrica. Houve também várias referências a práticas específicas em Espanha, nomeadamente, campanhas, protocolos e Pontos Lilás (intervenção de proximidade para promover a sensibilização e prevenir e responder à violência de género em ambientes de diversão noturna). Em comparação com os outros países envolvidos no projeto CRISSCROSS (Portugal, Itália, Irlanda e Luxemburgo), Espanha tem mais práticas, e estas são mais formalizadas, avançadas e difundidas devido ao apoio dos municípios locais. Contudo, embora existam vários relatórios com recomendações para a implementação, estas práticas carecem de avaliação.

As diferentes práticas foram avaliadas pela Kosmicare utilizando como referência a abordagem “Boas práticas para a integração da perspetiva de género” sugerida pelo EIGE (2013). As práticas foram avaliadas e pontuadas através das seguintes categorias:

- **Boa prática**
“Uma 'boa prática' pode ser amplamente definida como uma prática que, após avaliação, demonstra sucesso na produção de um impacto considerado bom e que pode ser replicado” (EIGE, 2013, p. 10).
- **Prática promissora**
“Uma ação específica ou conjunto de ações que apresentam evidências inconclusivas de sucesso ou evidências de sucesso parcial. Pode ou não ser possível replicar uma prática promissora em mais do que um ambiente” (EIGE, 2013; p. 11).
- **Eficácia desconhecida**
A prática não foi avaliada.
- **Recomendações para a prática**
As fontes incluíram algumas recomendações baseadas na evidência ou práticas para a implementação de práticas promissoras ou para aumentar a eficácia ou alcance de uma prática.

Adicionalmente, também categorizamos os tipos de práticas que encontramos não só para avaliá-las, mas também para servir de referência à criação da lista de 10 boas práticas.

Neste ponto, é relevante acrescentar que essas práticas também foram priorizadas pelas pessoas que participaram da pesquisa qualitativa.

Abaixo, descrevemos as categorias de práticas.

- Programas educativos que abordam os estereótipos de género para prevenir a violência de género em ambientes universitários (**Prevenção da VG**)
- Programas de intervenção bystander direcionados a jovens em ambientes universitários (**Intervenção bystander**)
- Formação ao staff informada pela intervenção bystander dirigida a profissionais que trabalham em ambientes de diversão noturna (**Formação ao staff**)
- Implementação de intervenções de proximidade para prevenir, detetar e responder à violência de género em ambientes de diversão noturna e festivais de música (**Espaços mais seguros**)
- Protocolos para implementar abordagens multicomponentes para prevenir, detetar e responder à violência de género em ambientes de diversão noturna. Estes protocolos podem ser implementados ao nível da cidade (protocolo ao nível da cidade) ou ao nível do local/evento (**Protocolo NLE**)
- Campanhas de sensibilização para desnormalizar o sexismo e prevenir a violência de género em ambientes de diversão noturna (**Consciencialização sobre a VG**)

- Recomenda-se a capacitação de profissionais que trabalham com pessoas que usam drogas em ambientes de diversão noturna (**Capacitação de profissionais**)
- Recomendam-se abordagens participativas, incluindo as perspetivas e experiências vividas pelo grupo-alvo, especialmente quando se consideram as necessidades de grupos negligenciados como LGBTI+ e pessoas jovens adultas etnicamente diversas (**Abordagens participativas**)
- Programas multicomponentes que integram mais do que uma das práticas destacadas anteriormente (e.g., protocolo, formação ao staff, campanha de sensibilização) podem ser mais benéficos e eficazes (**Abordagens multicomponentes**)
- Recomendam-se atividades de advocacy e de capacitação para aumentar a integração do género no mercado de trabalho da vida noturna e nas atividades culturais para reforçar agendas transformadoras de género no sector (**Advocacy NLE**)

Abaixo, resumimos a lista de práticas de acordo com os dados da pesquisa documental. As informações provenientes desta pesquisa foram categorizadas e avaliadas, e incluímos os melhores exemplos de boas práticas, práticas promissoras e recomendações para a prática. A tabela com todas as práticas analisadas pode ser encontrada no [anexo 4](#).

Fonte	Tipo de evidência	Grupos-alvo e contextos	Avaliação da qualidade	Análise crítica
Prevenção da VG				
Sexual Assault and Alcohol Feedback and Education (SAFE) for heavy-drinking college men (Abbey, 2011)	Artigo científico	Potenciais agressores Ambientes universitários	Boa prática	O programa SAFE apresenta resultados preliminares promissores, com um ligeiro declínio na violência sexual no campus. O programa serve um propósito importante de focar a prevenção em possíveis/prováveis agressores (universitários que bebem muito), diminuindo o peso da responsabilidade que geralmente pesa sobre as vítimas. O facto de tanto o grupo-alvo como o facilitador no programa SAFE serem do género masculino também nos pode dar uma visão sobre uma prática positiva de intervenção de género: ao promover a identificação com os moderadores, é promovida uma aprendizagem mais eficiente.
Date Violence Prevention Programs on a College Campus - comparing traditional awareness programs with bystander intervention (Peterson et al., 2018)	Artigo científico	Estudantes do ensino superior Ambientes universitários	Boa prática	Ao comparar uma intervenção de 90 minutos para pessoas bystanders com uma intervenção educacional tradicional de 90 minutos, este estudo concluiu que a intervenção bystander foi mais eficaz na mudança de atitudes, crenças, eficácia, intenções e comportamentos autorrelatados em relação à violência no namoro. No entanto, ambos conseguiram impactar positivamente os aspetos elencados. Uma intervenção que tenha resultados positivos, seja ela bystander ou um programa educativo - é muito menos exigente do que propor uma intervenção multisessões, que pode exigir mais recursos.
Intervenção bystander				
Considering the role of gender on bystander intervention at music festivals	Artigo científico	Pessoas que frequentam contextos festivos	Recomendações para a prática	Este artigo analisa o papel do género nas intervenções bystander em festivais. O valor destas conclusões deriva da nova visão que proporcionam às pessoas promotoras de projetos baseados em intervenções bystander - a alocação de

(Baillie et al., 2022)		Festivais de Música		<p>recursos pode ser revista, uma vez que as mulheres já são mais propensas a intervir numa vasta gama de situações, quando comparadas com os homens.</p> <p>Considerando as diferenças encontradas no tipo de intervenção que cada género tende a escolher, pode ajudar a mitigar a resistência das pessoas participantes às intervenções bystander, proporcionando um maior nível de identificação com as ações sugeridas e aproveitando as características criadas pelos papéis de género, dando aos participantes do género masculino mais formas assertivas de intervir.</p>
------------------------	--	---------------------	--	---

Formação ao staff

<p>Certificação Sexism Free Night: Da visibilização do assédio sexual à criação de um roteiro de lazer noturno mais seguro e igualitário no Porto (Pires et al., 2022)</p>	Artigo científico	<p>Pessoas que frequentam contextos festivos</p> <p>Staff NLE</p> <p>Ambientes de diversão noturna</p>	Boa prática	<p>A integração da formação bystander em VG na formação ao staff dissipa eficazmente os mitos da violação, aumentando a vontade do staff para intervir em ambientes de diversão noturna. A intervenção bystander, centrada no staff, revela-se fundamental na prevenção e desnormalização de comportamentos sexistas. A formação capacita o staff para reconhecer, tornar visíveis e avaliar os riscos, e responder adequadamente, promovendo uma cultura de responsabilização. Um protocolo é usado para unificar estas respostas. O rótulo Sexism Free Night emprega abordagens bystander na formação ao staff, obtendo satisfação e impacto positivo - mais discussões sobre a VG entre as pessoas do staff, que estavam mais atentas e propensas a intervir. Colaborações com DJs, equipas de comunicação e uma campanha de sensibilização (com material dirigido a potenciais vítimas, pessoas agressoras e bystanders) demonstram uma intervenção abrangente e integrada em todo o sistema.</p>
--	-------------------	--	-------------	---

<p>STOP-SV - Training for professionals in nightlife environments (Quigg et al., 2021)</p>	Artigo científico Relatório	<p>Staff NLE</p> <p>Ambientes de diversão noturna</p>	Boa prática	<p>O programa de formação STOP-SV aumenta a capacidade do staff para reconhecer e prevenir a violência sexual através de uma intervenção positiva nas pessoas bystanders. Foi implementado em Portugal, Espanha e República Checa, com alterações para melhor adaptação aos contextos. Pretende explorar e abordar as condições que promovem a violência sexual, mobilizando as comunidades para a prevenir. Tendo como alvo stakeholders estratégicos (e.g., pessoas decisoras políticas; profissionais de prevenção; organizações juvenis), o STOP-SV fornece materiais de formação e um pacote de formação em duas etapas para pessoas facilitadoras e pessoas que trabalham no setor da vida noturna. As pessoas facilitadoras passam por 20 horas de formação abrangente, abordando compreensão, vulnerabilidade, prevenção e resposta à violência sexual. Pessoas</p>
--	--------------------------------	---	-------------	---

				facilitadoras formadas conduzem então sessões de 2 a 3 horas para pessoas que trabalham no setor da vida noturna. Os resultados mostram melhor conhecimento, atitudes e confiança entre estas últimas. O programa apresenta um bom potencial de replicação, oferecendo uma abordagem transdisciplinar para abordar a violência sexual na vida noturna.
Espaços mais seguros				
Take Kare Safe Space Program (Doran et al, 2021)	Artigo científico	Ambientes de diversão noturna	Recomendações para a prática	O programa mostra preocupação com os aspetos <i>top-down</i> da prevenção da violência, ao considerar como principal ponto de avaliação o retorno do investimento do programa. A constatação de resultados positivos na área económica poderá ajudar a justificar e promover a implementação de espaços mais seguros ao nível da NLE. A utilização de uma estrutura de proximidade onde as pessoas podem procurar ajuda quando necessário e de uma abordagem do tipo patrulha pode combater uma grande preocupação em muitas intervenções - o facto de que as pessoas que mais precisam são as que utilizam os recursos com menos frequência. Estas abordagens parecem ter um valor sistémico mais amplo, uma vez que ambas são consideradas opções viáveis para intervenções em toda a cidade para gerir a violência e os distúrbios relacionados com o consumo de álcool.
Resignifying Lilac Points. Lessons learned and new challenges to contribute to the eradication of violence against women (Gómez & Rodríguez, 2019)	Relatório	Pessoas que frequentam contextos festivos Staff NLE Ambientes de diversão noturna	Prática promissora	<p>O Ponto Lilás fornece informações e aconselhamento sobre violência contra as mulheres e começou a colaborar com o Departamento de Feminismo e LGBTI. A preocupação em criar verdadeiros espaços festivos feministas e inclusivos é clara ao longo do relatório de atividades, que inclui recomendações para a criação de tais espaços. Desde a sua criação, ampliou substancialmente o seu alcance, mostrando o seu valor e sustentabilidade.</p> <p>O Ponto Lilás atua como um espaço seguro para a prevenção, conscientização e aconselhamento relacionado com a VG. O público-alvo inclui pessoas presentes em festas públicas, especialmente aquelas que vivenciaram ou estão em risco de VG - para poder prestar serviços de qualidade e equitativos, há contacto próximo com entidades, autoridades locais que estarão envolvidas, e demais agentes presentes antes de implementar os serviços. Sempre que possível, é dada formação prévia a todas estas pessoas para sensibilizar para a violência sexual em espaços de diversão noturna e implementar protocolos com perspectiva de género, criando um enquadramento comum e cuidados consistentes entre as mesmas. As pessoas autoras enfatizam a importância do envolvimento da comunidade e da ação</p>

				<p>coordenada para alcançar o sucesso.</p> <p>O Ponto Lilás também inclui agentes de intervenção que circulam pelo espaço da festa para sensibilizar de forma mais ampla. Estas pessoas iniciam a sua intervenção antes do início dos festivais, uma vez que o consumo de substâncias provavelmente já começou.</p> <p>Uma contribuição única deste programa é o reconhecimento da necessidade de autocuidado do staff, que é fundamental para preservar a sua capacidade de prestar cuidados às outras pessoas.</p> <p>Apesar de não replicar a prática e de carecer de uma avaliação de impacto mais formal, a intervenção tem impactos positivos importantes, abordando consistentemente a violência sexual, tornando visíveis as suas formas implícitas e respondendo-lhes.</p>
<p>Safe Spaces at festivals in Aotearoa (Bennet, 2023)</p>	<p>Dissertação de mestrado</p>	<p>Pessoas que frequentam contextos festivos</p> <p>Festivais de Música</p>	<p>Recomendações para a prática</p>	<p>Este estudo centra-se no potencial da redução de riscos e promoção do bem-estar mental de espaços seguros em festivais, fornecendo orientações para a implementação com resultados positivos, o que promove a transferibilidade para outros contextos. O estudo destaca a relevância de encorajar espaços seguros como um conceito dominante que responde não apenas ao bem-estar individual, mas também ao bem-estar comunitário dentro de sistemas maiores. As pessoas promotoras de espaços seguros consideram-nos uma oportunidade de intervenção psicológica, ao mesmo tempo que reconhecem a importância de uma rede completa de outras respostas em festivais (como o drug checking), para responder a todas as necessidades complexas que possam surgir.</p>
<p>Protocolos ao nível da cidade ou NLE</p>				
<p>Diseño y evaluación de protocolos para la prevención, gestión y resolución de la violencia de género en espacios de ocio (Burgos Garcia, 2019)</p>	<p>Relatório</p>	<p>Municípios Locais</p> <p>Staff NLE</p> <p>Ambientes de diversão noturna</p>	<p>Recomendações para a prática</p>	<p>A avaliação dos protocolos prioriza o processo em detrimento da avaliação de impacto. O sucesso depende do envolvimento das instituições políticas, do pessoal técnico e das associações de base.</p> <p>Os Protocolos do Observatório Noctambul@s, centrados na prevenção, deteção, ação e reparação, adotam uma perspetiva local e dinâmica.</p> <p>Estes protocolos envolvem macro e mesossistemas – administrações públicas, políticas institucionais, quadros técnicos e entidades e associações locais vinculadas a festivais ou espaços públicos. Integram perspetivas de vários grupos feministas em Espanha, o que preserva alguma da natureza transformadora e</p>

				subversiva dos grupos auto-organizados e inclui-os na formulação ativa de propostas. Cinco protocolos de ação que abordam a violência sexual em espaços festivos foram implementados através do envolvimento comunitário em municípios e administrações conjuntas na província de Barcelona.
Protocol "We won't keep quiet" (No Callem) (Macaya-Andrés & Saliente Andrés, 2018) (Schosler, 2023)	Protocolo	Municípios Locais Staff NLE Ambientes de diversão noturna Festivais de Música	Prática promissora	<p>O Protocolo No Callem, concebido para espaços públicos de lazer, visa prevenir a violência sexual e aumentar a segurança na vida noturna. É composto por três componentes: medidas de prevenção, orientações para identificação de casos e instruções para lidar com as diferentes apresentações da violência sexual. As medidas preventivas incluem a rejeição de políticas discriminatórias de porta e a prevenção de práticas discriminatórias baseadas no género. Os estabelecimentos devem comunicar a sua adesão ao protocolo e concentrar-se particularmente nas áreas escuras. As ações promocionais ao nível da NLE também devem excluir conteúdos sexistas, evitando a replicação de mensagens sexistas a todos os níveis. O protocolo sublinha a necessidade do staff estar capacitado para identificar e abordar a agressão sexual. Os fatores de sucesso envolvem a disseminação generalizada em Barcelona, Madrid e Pamplona, marcando um envolvimento inovador do setor privado de lazer no combate à VG.</p> <p>Este protocolo foi crucial para a resposta no caso de Daniel Alves (jogador de futebol que agrediu sexualmente uma mulher numa discoteca de Barcelona). Por esta razão, e apesar de não existirem evidências científicas da eficácia destas abordagens, iremos rotulá-la como uma prática promissora.</p>
Consciencialização sobre a VG				
Pilot rape prevention campaign promoted by the Liverpool City Hall (Gunby et al., 2017)	Artigo científico	Potenciais pessoas agressoras	Prática promissora	<p>A campanha enfatiza a necessidade de abordagens não sexistas e não revitimizantes, citando uma ação de prevenção da violação realizada em Liverpool, que se baseia em métodos de educação informais e não formais. Os objetivos de igualdade de género da campanha incluíam a sensibilização para as leis de consentimento e a redução do abuso sexual. Envolveu a distribuição de postais com a mensagem "Não posso responder? Não posso consentir. – sexo sem consentimento é violação" em locais estratégicos para alcançar possíveis pessoas agressoras, incluindo casas de banho masculinas. A avaliação revelou fatores de sucesso como a implementação estratégica, mas desafios como a baixa sensibilização (embora houvesse uma preocupação com a divulgação da mensagem através das redes sociais e da rádio) e a resistência a mensagens</p>

				focadas no risco por parte das pessoas jovens em ambientes de diversão noturna. O potencial de replicação da campanha é notado, mas as restrições incluem questões de visibilidade e potencial resistência dos estabelecimentos de diversão noturna.
A prevenção das agressões sexistas em contextos de diversão noturna: Análise comparativa de campanhas de prevenção (Spora Sinergias, 2019)	Relatório	Municípios Locais Pessoas que frequentam contextos festivos Staff NLE	Recomendações para a prática	<p>A análise das campanhas contra a VG em espaços de lazer revela considerações cruciais para entidades e administrações. Mais campanhas deverão encorajar o diálogo entre os homens e promover a intervenção nas pessoas bystander. Além disso, uma abordagem inclusiva que considere a interseccionalidade, o género e a diversidade sexual é vital para abordar diversas experiências sexistas influenciadas por fatores como a idade, a raça, o género e o estatuto socioeconómico. Como tal, avaliações demográficas prévias são cruciais para um planeamento eficaz.</p> <p>Garantir a corresponsabilidade nos espaços de diversão noturna privada e de forma mais sustentada ao longo do tempo é fundamental, estendendo as campanhas para além dos grandes festivais municipais, onde se inserem a maior parte das intervenções. As recomendações incluem a revisão da programação cultural e dos espaços públicos através de uma perspetiva de género e a promoção da colaboração com redes sociais, grupos feministas, análise contínua da questão no território e fornecimento de formação específica para protocolos.</p> <p>Uma contribuição destas recomendações é que os objetivos de igualdade de género vão mais longe que os “bastidores”, incluindo-os nos processos de recrutamento.</p>
Formação de profissionais				
Prevention and Response Strategies for sexual violence in Selkirk College (Hillman, 2017)	<i>Working paper</i>	Estudantes do ensino superior Ambientes universitários	Recomendações para a prática	Embora as próprias intervenções ainda não tenham sido implementadas ou avaliadas, o estudo centra-se em encontrar recomendações para futuras intervenções sobre VG no Selkirk College, que podem ser úteis noutros contextos pós-secundário. Estas recomendações surgem de uma avaliação de necessidades, que revela que os serviços disponíveis no campus para estudantes que desejem revelar ou denunciar um ato de violência sexual são limitados. Por exemplo, sem apoio institucional e compreensão das necessidades de prevenção e resposta à VG, tais intervenções podem tornar-se subvalorizadas e podem surgir barreiras à sua implementação. Um modelo de educação de pares é outra contribuição principal das recomendações para este colégio, uma vez que promove a credibilidade, o

				<p>alcance e a sustentabilidade, ao mesmo tempo que fortalece os sistemas de apoio entre as pessoas estudantes, o que pode tornar-se um fator de proteção contra a VG ou questões associadas após uma agressão. Esta faculdade está a planear uma Educação de Apoio às Pessoas Sobreviventes (folhetos de conscientização sobre a divulgação de SA) para o sistema escolar - também é recomendado que a faculdade inclua formação bystander, ministrada a todas as pessoas do sistema escolar, integrando também oportunidades de desenvolvimento profissional, que podem promover a motivação do staff para participar. Uma proposta de um grupo de masculinidade saudável para estudantes é uma contribuição interessante desta faculdade, uma vez que a aceitação da masculinidade hegemónica está associada a uma maior probabilidade de perpetração de VG. Por último, recomenda-se que sejam feitos esforços de recrutamento relevantes para grupos minoritários, mostrando alguma preocupação com estudantes LGBTI, estudantes internacionais e indígenas. A responsabilidade pela prevenção da VG recai sobre toda a instituição, incluindo pessoal docente e staff, e sobre potenciais pessoas agressoras e bystanders, diminuindo a culpa que muitas vezes é atribuída às vítimas.</p>
<p>Considering how trans identities impact GBV experiences (Obradovic, 2021)</p>	<p>Tese de doutoramento</p>	<p>Juventude trans Intervenção em centros de apoio à vítima</p>	<p>Recomendações para a prática</p>	<p>A juventude trans é uma população pouco estudada – é fundamental dar-lhe mais atenção, considerando os elevados riscos de violência sexual que a comunidade (especialmente as mulheres trans) enfrenta. Esta revisão da literatura apresenta um modelo que descreve as barreiras para sobreviventes trans de VS, baseado em 10 temas que revelam como as condições psicossociais (e.g., vergonha; questionamento da sua própria validade como vítima) e as interações com os serviços (e.g., estigma internalizado e conceitos errados sobre a personalidade trans) impedem a busca de apoio e perpetuam o risco de vitimização entre as pessoas sobreviventes trans.</p> <p>Esta investigação enfatiza a importância da competência cultural e da transliteracia em contextos de apoio - intervir nos serviços pode aliviar as barreiras à procura de ajuda entre as pessoas trans.</p>
<p>Lilac care guidelines – Taking care of people who experience(d) gender-based violence in large-scale events (Pires, 2022)</p>	<p><i>White Paper</i></p>	<p>Profissionais de redução de riscos e sensibilização Staff NLE Festivais de</p>	<p>Recomendações para a prática</p>	<p>Este protocolo baseia-se nos insights e conhecimentos produzidos no âmbito do projeto Sexism Free Night, mas também na experiência de equipas e coletivos de redução de riscos que implementam serviços de apoio psicológico e intervenção em crise em festivais de grande escala. Além disso, a implementação de respostas de sensibilização para detetar e responder à violência sexualizada em eventos de grande dimensão em Espanha, e mais tarde em Portugal – Pontos Lilás -, também orientou e inspirou a escrita deste documento. Estas diretrizes fornecem conselhos</p>

		Música		<p>práticos para promover o alargamento e a expansão do foco de intervenção dos serviços existentes de redução de riscos e de cuidados psicológicos. Em vez de segregar a intervenção na violência de género como uma nova área de intervenção em festivais, acreditamos que a capacidade de resposta ao género deve ser transversal a todos os serviços e a todos os turnos de redução de riscos e de equipas e coletivos de apoio psicológico e intervenção em crise.</p> <p>Este protocolo tem como objetivo orientar outras equipas e coletivos de redução de riscos e de apoio psicológico. Considerando que ainda estamos a aprender como implementar cuidados baseados no género em festivais de grande escala, este é um protocolo de trabalho em curso que pode ser melhorado e atualizado quando necessário.</p>
Abordagens participativas				
<p>Considering LGBTIQ Young Adults' Experiences and Perceptions about Unwanted Sexual Attention in NLE (Fileborn, 2015)</p>	Artigo científico	<p>Pessoas jovens adultas LGBTI+</p> <p>Ambientes de diversão noturna</p>	Recomendações para a prática	<p>Este estudo considera as especificidades que podem ocorrer em diferentes locais, especificamente LGBTI+ e NLE. O local e as (sub)culturas circundantes determinam, por exemplo, diferenças no que é considerado atenção sexual "indesejada". Nos locais LGBTI+ há alguns aspetos claros a ter em conta: o limiar para este tipo de atenção é mais elevado, o que pode levar a um aumento do efeito bystander e à aceitação da violência sexual, impedindo a divulgação. Estas questões são amplamente subinvestigadas na comunidade LGBTI e, embora este estudo contribua para o conjunto de evidências, é importante notar que o mesmo não incluiu participantes trans.</p>
<p>Young people's suggestions for GBV prevention in nightlife environments (NLE) (Fileborn, 2017)</p>	Artigo científico	<p>Jovens</p> <p>Ambientes de diversão noturna</p>	Recomendações para a prática	<p>Este artigo considera as sugestões das pessoas jovens para a prevenção da VG em NLE. Qualquer intervenção deve promover a participação dos grupos-alvo no seu desenvolvimento – as pessoas jovens adultas podem fornecer uma visão única sobre estratégias específicas, elicitadas pelas suas experiências reais e vividas. Abrir a conversa também permite que as pessoas interventoras respondam aos aspetos que as pessoas jovens consideram valiosos - o que pode aumentar a adesão aos programas. Por exemplo, as pessoas jovens contestaram os discursos de prevenção que colocam a responsabilidade na vítima.</p>

<p>Sexism Free Night Standards – Gender-responsive criteria to prevent, detect and respond to sexism and sexualized violence in nightlife environments (Pires & the Sexism Free Night Network, 2022)</p>	<p><i>White paper</i></p>	<p>Staff NLE</p> <p>Ambientes de diversão noturna</p> <p>Festivais de Música</p>	<p>Recomendações para a prática</p>	<p>Este <i>white paper</i> apresenta um conjunto sequencial de Padrões para Noites Livres de Sexismo, com base em conhecimento especializado para informar e orientar a implementação de medidas sensíveis ao género para prevenir, detetar e responder ao sexismo e à violência sexualizada em ambientes de diversão noturna. Considerando que a vida noturna é uma policultura, estes padrões não são estáticos, nem universais (one-size-fits-all). Eles pretendem exclusivamente fornecer orientação especializada para inspirar locais e eventos de diversão noturna na implementação de abordagens personalizadas.</p> <p>As leitoras-alvo deste <i>white paper</i> são pessoas gestoras de espaços de diversão noturna e eventos interessadas em implementar políticas e práticas que visem promover um espaço mais seguro, inclusivo e diversificado para os seus visitantes. As associações de bares e discotecas e as pessoas decisoras locais, que podem apoiar financeiramente este processo nas suas cidades, são também intervenientes-chave, principalmente considerando que nem todos os bares ou discotecas têm o financiamento ou os recursos necessários para implementar abordagens mais amplas sensíveis ao género nos seus espaços.</p>
<p>Abordagens multicomponentes e Advocacy NLE</p>				
<p>Recomendaciones del Observatorio Noctambul@s para locales de ocio más seguros e inclusivos (Noctambul@s, 2017)</p>	<p>Relatório</p>	<p>Pessoas que frequentam contextos festivos</p> <p>Staff NLE</p> <p>Profissionais (media)</p> <p>Ambientes de diversão noturna</p>	<p>Recomendações para a prática</p>	<p>Para abordar a violência sexual na vida noturna, o Observatório Noctambul@s recomenda uma estratégia abrangente, partindo de campanhas centradas nas mulheres. A lista de recomendações do Observatório inclui esclarecer o consentimento, desafiar o álcool como desculpa para a agressão e desmascarar mitos sobre falsas alegações. Tendo como alvo os foliões masculinos e as pessoas promotoras destes espaços, apela a um aumento da responsabilização, de locais responsáveis e da sensibilização do staff. Defendendo a responsabilidade coletiva, a visibilidade mediática e a redução da comunicação sexista, a estratégia envolve os municípios, enfatizando o papel das entidades distribuidoras de álcool. Integrando diversas intervenções, destaca-se pela sua natureza holística, ampla disseminação e potencial de replicação. A eficácia da abordagem reside na sua resposta abrangente e integrada, promovendo a responsabilidade coletiva e a colaboração com as diversas partes interessadas.</p>
<p>Protocol “We won’t keep quiet” (No Callem)</p>	<p>Protocolo</p>	<p>Municípios Locais</p> <p>Staff NLE</p>	<p>Prática promissora</p>	<p>- Já descrito (ver secção Protocolos)</p>

<p>(Macaya-Andrés & Saliente Andrés, 2018) (Schossler, 2023)</p>		<p>Ambientes de diversão noturna</p> <p>Festivais de Música</p>		
<p>Sexism Free Night Standards – Gender-responsive criteria to prevent, detect and respond to sexism and sexualized violence in nightlife environments (Pires & the Sexism Free Night Network, 2022)</p>	<p><i>White paper</i></p>	<p>Staff NLE</p> <p>Ambientes de diversão noturna</p> <p>Festivais de Música</p>	<p>Recomendações para a prática</p>	<p>- Já descrito (ver Abordagens participativas)</p>
<p>LUTA PELO TEU DIREITO [DE FESTA] – Boas práticas para a pista de dança (Civati, 2023)</p>	<p>Campanha</p>	<p>Staff NLE</p> <p>Ambientes de diversão noturna</p>	<p>Recomendações para a prática</p>	<p>O Italia Music Lab, em colaboração com a Equally, está a apelar aos clubes e locais de diversão noturna em Itália para promoverem um manifesto delineando quatro boas práticas para as pistas de dança. Estas práticas centram-se na prevenção do abuso, do assédio, da cumplicidade ou de comportamentos de matilha, com ênfase no consentimento, na sensibilização para o assédio e na discriminação sexual, e numa abordagem de intervenção não violenta ao observar comportamentos de assédio, incluindo a procura de assistência junto do staff. A divulgação é promovida através da criação de cartazes, folhetos, autocolantes e publicações nas redes sociais, prontamente disponíveis, com sensibilização para estas recomendações de boas práticas de comportamento. As recomendações não incluem mensagens de culpabilização das vítimas. A iniciativa carece de uma avaliação da extensão da divulgação do manifesto ou do seu impacto.</p>



2.2) Boas práticas e recomendações da análise qualitativa

Os dados do estudo qualitativo foram utilizados para corroborar a prática, principalmente considerando que as mesmas práticas foram identificadas pelas pessoas participantes, e para complementá-la com as suas recomendações e prioridades. Neste ponto, é relevante esclarecer que duas recomendações que foram identificadas durante os grupos focais e entrevistas não serão incluídas na nossa lista das 10 principais porque têm o potencial de aumentar os riscos e reforçar as assimetrias e estereótipos de género. Algumas pessoas sugeriram abordagens de tolerância zero ao consumo de drogas como medidas potenciais para aumentar a sua segurança (e.g., revistas à porta). Consideramos estas práticas problemáticas, uma vez que reforçam o proibicionismo das drogas e podem ser prejudiciais ao promover comportamentos de consumo de drogas potencialmente danosos. Outras pessoas recomendaram a distribuição gratuita de parafernália anti-violação (e.g., capas protetoras para os copos). Ainda assim, não incluiremos esta prioridade porque, como já foi dito, promove uma falsa perceção de segurança, tende a desconsiderar o contexto geral de vitimização de género e promove uma cultura de terrorismo sexual.

Informações mais detalhadas sobre a análise temática dos grupos focais e entrevistas podem ser encontradas no [anexo 3](#).

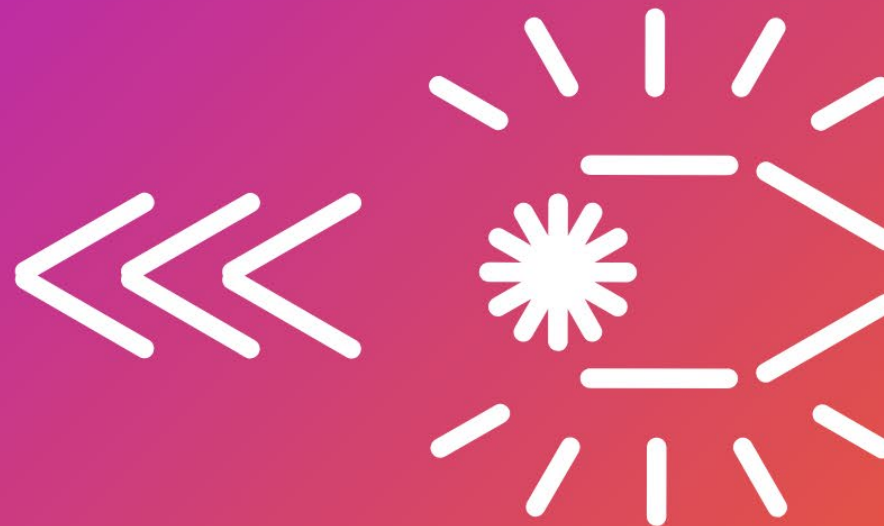


Prática	<p style="text-align: center;">Grupo focal e entrevistas</p> <p style="text-align: center;">Prioridades das pessoas jovens e profissionais</p>
Prevenção da VG	<ul style="list-style-type: none"> - Algumas pessoas jovens e profissionais consideraram relevante iniciar o trabalho de prevenção junto das pessoas mais jovens (adolescentes e jovens). Consideraram que a socialização de género pode ter impacto nos comportamentos sexistas, e por esta razão, poderia ser benéfico iniciar a desconstrução de estereótipos nocivos, incluindo aqueles relacionados com ambientes de diversão noturna, entre grupos mais jovens em ambientes escolares.
Intervenção bystander	<ul style="list-style-type: none"> - É relevante que o local/evento promova uma política bystander proativa entre os seus visitantes. - Staff formado e equipas de conscientização que intervêm para prevenir e responder à VG e ao assédio podem atuar como bystanders.
Formação ao staff	<ul style="list-style-type: none"> - As pessoas entrevistadas consideraram que a formação ao staff sobre políticas de espaços mais seguros, procedimentos de reclamação interna, prevenção, deteção e resposta à VG é essencial. - As pessoas profissionais de segurança devem participar nestas atividades de formação e estar atentas ao protocolo interno, uma vez que são vistas como hostis e não como aliadas para apoiar as pessoas visitantes em situações difíceis. - As pessoas presentes no local/evento podem sentir medo ou resistência em denunciar uma situação de assédio à equipa, pois podem antecipar rejeição ou passividade. Neste sentido, é relevante que sejam informadas de que o staff foi alvo de formação. - A formação ao staff deve incluir conteúdos referentes às situações específicas de assédio sexual vividas pelo staff – como reconhecer e lidar com isso à escala da equipa.
Espaços mais seguros	<ul style="list-style-type: none"> - As pessoas participantes consideraram que seria relevante implementar intervenções de sensibilização e equipas de sensibilização em ambientes de diversão noturna para sensibilizar e cuidar das pessoas que experienciaram assédio por VG. - As pessoas entrevistadas espanholas tiveram amplas discussões sobre a relevância e os limites dos Pontos Lilás que resumimos abaixo. Os Pontos Lilás são intervenções implementadas em ambientes de diversão noturna para prevenir, detetar e responder à VG. Este modelo de intervenção é predominante em Espanha, geralmente apoiado pelos municípios ou eventos locais. - Algumas pessoas respondentes relataram que os Pontos Lilás são úteis para identificar e intervir/lidar com pessoas agressoras (e.g., expulsá-las do evento) e libertar as pessoas bystanders de situações potencialmente tensas ao interromper as ocorrências de assédio ou VG. - Os HOMENS CIS entrevistados consideraram os Pontos Lilás como serviços para as mulheres, porém, paradoxalmente, as pessoas PROFISSIONAIS relataram que mais homens do que mulheres frequentam os espaços.

	<ul style="list-style-type: none"> - As pessoas entrevistadas consideraram que os Pontos Lilás deveriam fazer mais do que apenas oferecer materiais de sensibilização (e.g., folhetos). Na sua opinião, seria relevante padronizar este tipo de intervenção para garantir que tenham protocolos robustos e que o staff esteja formado e preparado para lidar com a VG em contextos de consumo de álcool e drogas. - As intervenções de divulgação e sensibilização devem ser claramente identificadas, visíveis e publicitadas no local/evento.
<p>Protocolos (ao nível da cidade ou NLE)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As pessoas participantes consideraram que as políticas de espaços mais seguros do local deveriam ser claras e explícitas. Anunciar um local ou evento como um espaço mais seguro não é suficiente para garantir a sua segurança. - Pode ser benéfico ter pelo menos uma pessoa de sensibilização ou uma pessoa membro do staff designada para essa função no local/evento para lidar com uma pessoa que experienciou violência de género ou assédio e outras situações de crise psicológica ou social. As outras pessoas do staff podem estar ocupadas com as suas funções e incapazes de dar prioridade ao pedido da pessoa que solicita apoio. - Os protocolos devem incluir políticas e estratégias para informar a intervenção junto de pessoas agressoras. - Em termos de responsabilização, as pessoas entrevistadas consideraram relevante ter protocolos claros para evitar as chamadas <i>pink and rainbow washing practices</i>. - Os protocolos também devem incluir estratégias específicas para cuidar do staff que experienciou assédio sexual e para o prevenir.
<p>Conscientização sobre a VG</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As pessoas participantes consideraram que ter cartazes ou outro conteúdo de sensibilização para a VG é relevante porque aumenta a sua perceção de segurança e acreditam que, nalguns casos, a pessoa agressora pode ser dissuadida. - Algumas pessoas sugeriram que a conscientização também deveria ser feita diretamente pelo staff, por exemplo, interrompendo a música para lembrar a Casa sobre políticas de espaços mais seguros ou resumindo-as na porta antes de a pessoa entrar no espaço. - As mensagens de sensibilização devem evitar a utilização de mensagens de culpabilização das vítimas. Pelo contrário, devem utilizar mensagens dirigidas a potenciais pessoas agressoras e capacitar potenciais vítimas. - As pessoas participantes consideraram os materiais de sensibilização relevantes, mas insuficientes podendo criar uma falsa perceção de segurança. É relevante saber exatamente o que podem esperar do staff do local, quem devem contactar caso necessitem, se o staff está formado e se existe um protocolo real por detrás da publicidade de palavras-código ou outras estratégias para a promoção de espaços mais seguros.
<p>Formação de profissionais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As pessoas profissionais e pares que trabalham em intervenções de sensibilização devem receber formação adequada para responder e intervir adequadamente em situações de VG. - As pessoas profissionais que trabalham em serviços de apoio a pessoas que experienciaram violência de género ou assédio também devem receber formação sobre VG específica e estereótipos de género relacionados com o consumo de drogas em ambientes de diversão noturna. - Seria conveniente que as linhas de apoio ou outros serviços que atendem pessoas vítimas de violência também pudessem funcionar nos fins de semana (geralmente funcionam durante o dia e durante a semana).

	<ul style="list-style-type: none"> - Algumas pessoas PROFISSIONAIS recomendaram que os serviços que trabalham com jovens designassem horários específicos para grupos específicos (e.g., pessoas trans, mulheres lésbicas) para criar um espaço mais seguro para os seus problemas e questões específicas. - Algumas pessoas PROFISSIONAIS defenderam que a abstinência não deveria ser critério para pessoas que experienciaram violência acederem a serviços de apoio.
<p>Abordagens participativas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Algumas pessoas participantes partilharam a relevância de ter grupos de discussão ou outras abordagens participativas devido à falta de espaços para discutir estes temas e pensar em soluções. - Neste ponto, algumas pessoas consideraram que é relevante envolver e consultar pessoas pertencentes a grupos minoritários e historicamente oprimidos para criar condições que melhorem o seu acesso, participação e segurança em ambientes de diversão noturna.
<p>Abordagens multicomponentes</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Em geral, todas as pessoas entrevistadas consideraram que as intervenções deveriam ser multicomponentes, integrando protocolos claros, formação ao staff e estratégias de sensibilização para prevenir, detetar e responder à VG e ao assédio em ambientes de diversão noturna.
<p>Advocacy NLE</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Transcender a segregação de género nos locais de trabalho da vida noturna, envolvendo mais mulheres como profissionais de segurança. - Incluir casas de banho neutras. Estas são vistas como opções mais seguras e confortáveis para as pessoas trans e não binárias, mas também são referidas como opções mais democráticas para as mulheres que, muitas vezes, têm de esperar desconfortavelmente em longas filas enquanto as casas de banho masculinas estão vazias. - Evitar políticas sexistas e discriminatórias à porta, como por exemplo preços diferenciados de acordo com a identidade de género atribuída, e preferência a pessoas com <i>dress code</i> específicos (normalmente, trajes sexualizados ou fetichizados). - Algumas pessoas TRANS E NÃO BINÁRIAS consideraram que oferecer entradas gratuitas ou preços mais amigáveis para pessoas queer com menos recursos económicos é um bom incentivo para que tenham acesso a estes espaços. - As pessoas participantes também consideraram os alinhamentos musicais equilibrados em termos de género como uma medida que aumenta a representatividade de género em ambientes de diversão noturna. - A maioria das atividades implementadas para promover a segurança e a integração do género nos ambientes de diversão noturna são de base. Os municípios e governos locais devem fornecer fundos para reforçar e profissionalizar este serviço (e.g., pagando a pessoas pares voluntárias).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este relatório inclui informações relevantes para informar a concepção de atividades de capacitação e intervenção para prevenir, detetar e responder à VG e ao assédio em ambientes de diversão noturna. Foi realizada uma extensa análise qualitativa de género para identificar estereótipos transversais e específicos de género e experiências de violência de género. A metodologia que utilizamos foi inovadora e abrangente e apoiou-nos na identificação de necessidades e prioridades que devem ser abordadas na concepção de modelos de intervenção dirigidos às pessoas jovens em ambientes de diversão noturna. A triangulação das prioridades de intervenção das pessoas jovens e profissionais que participaram nos grupos focais ou entrevistas com as boas práticas identificadas na pesquisa documental e avaliação de evidências também fornece referências e recomendações importantes para a concepção de intervenções eficazes e sensíveis ao género na vida noturna. Gostaríamos de destacar a relevância da utilização de abordagens participativas e modelos multicomponentes para adaptar as nossas intervenções às características dos nossos grupos-alvo e contextos de intervenção, para promover a capacidade de resposta à diversidade e para envolver partes interessadas relevantes num processo colaborativo e mútuo de aprendizagem e referenciação. Por último, esta investigação informará a concepção dos pilotos de capacitação e intervenção a serem implementados no âmbito do projeto CRISSCROSS. Esperamos que este relatório seja útil como um recurso para promover a desnormalização de estereótipos de género prejudiciais e para informar a implementação de boas práticas nos domínios da prevenção e resposta à violência de género.

REFERÊNCIAS

- Abbey, A. (2011). Alcohol's role in sexual violence perpetration: Theoretical explanations, existing evidence and future directions. *Drug and Alcohol Review*, 30, 481-489. <https://doi.org/10.1111/j.1465-3362.2011.00296.x>
- Baillie, G., Fileborn, B., & Wadds, P. (2022). Gendered responses to gendered harms: Sexual violence and bystander intervention at Australian Music Festivals. *Violence Against Women*, 28(3-4), 711-739. <https://doi.org/10.1177/10778012211012096>
- Barton, K. C. (2015) Elicitation techniques: Getting people to talk about ideas they don't usually talk about. *Theory & Research in Social Education*, 43(2), 179-205. <https://doi.org/10.1080/00933104.2015.1034392>
- Bennett, H. S. (2023). *Safe spaces at festival: A thematic analysis on how festival organisers and safe space managers in Aotearoa understand this service that they are providing: A thesis presented in fulfilment of the requirements for the degree of Master of Science in Psychology at Massey University, Wellington, New Zealand* [Master's thesis, Massey University]. University of New Zealand Database. <https://mro.massey.ac.nz/items/6603ff0f-ad37-408c-b5b8-4e952f45bae9>
- Burgos Garcia, A. (Ed.). (2019). *Observatorio Noctámbul@s. 5º informe anual 2017-2018*. Fundación Salud y Comunidad. <http://www.codajic.org/node/3649>
- Civati, F. (2023, March 10). *Fight for your right [to party]* – Italia Music Lab. Italia Music Lab. <https://www.italiamusiclab.com/fight-for-your-right-to-party/>
- Doran, C. M., Wadds, P., Shakeshaft, A., & Tran, D. A. (2021). Impact and return on investment of the take care safe space program—A harm reduction strategy implemented in Sydney, Australia. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(22), 12111. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph182212111>
- European Institute for Gender Equality. (2013). *Mainstreaming gender into the policies and the programmes of the institutions of the European Union and EU Member States*. Publications Office of the European Union. <https://doi:10.2839/43849>
- Fileborn, B. (2015). Unwanted sexual attention in licensed venues: Considering LGBTIQ young adults' experiences and perceptions. *Oñati Socio-Legal Series*, 5(6), 1490-1508. <https://opo.iisj.net/index.php/osls/article/view/417>
- Fileborn, B. (2017). 'Staff can't be the ones that play judge and jury': Young adults' suggestions for preventing unwanted sexual attention in pubs and clubs. *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 50(2), 213-233. <https://doi.org/10.1177/0004865815626962>
- Gómez, Rodríguez, R. (2019). *Resignificando los puntos lila. Aprendizajes y nuevos retos para contribuir a la erradicación de las violencias machistas*. L'Associació Drets Sexuals i Reproductius.

- Gunby, C., Carline, A., & Taylor, S. (2017). Location, libation and leisure: An examination of the use of licensed venues to help challenge sexual violence. *Crime, Media, Culture*, 13(3), 315-333. <https://doi.org/10.1177/1741659016651751>
- Hillman, M. (2017). *Strengthening our response to sexual violence: A working paper on prevention and response strategies for Selkirk College*. <https://dspace.library.uvic.ca/handle/1828/8041>
- Macaya-Andrés, L. & Saliente Andrés, A. (2019). *Protocol "We won't be quiet" – Campaign against sexual assault and harassment in private night-time leisure venues*. Barcelona City Council. https://ajuntament.barcelona.cat/dones/sites/default/files/documents/protocol_oci_nocturn_eng_0.pdf
- Moore, S. E. H. (2009). Cautionary tales: Drug-facilitated sexual assault in the British media. *Crime, Media, Culture*, 5(3), 305-320. <https://doi.org/10.1177/1741659009349242>
- Noctambul@s Observatory. (2017). *Tercer Informe Anual 2015/2016*. <http://www.drogasgenero.info/noctambulas/informes/#fb1=1>
- Obradovic, A. (2021). *Que(e)r(y)ing gender-based assaults of trans-identifying people*. [Doctoral dissertation, Canterbury Christ Church University Salomons Institute of Applied Psychology]. <https://repository.canterbury.ac.uk/item/8zx2v/que-e-r-y-ing-gender-based-assaults-of-trans-identifying-people>
- Peterson, K., Sharps, P., Banyard, V., Powers, R. A., Kaukinen, C., Gross, D., Decker, M. R., Baatz, C., & Campbell, J. (2018). An evaluation of two dating violence prevention programs on a college campus. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(23), 3630–3655. <https://doi.org/10.1177/0886260516636069>
- Pires, C. V., Carvalho, M. C., & Carvalho, H. (2022). Certificação Sexism Free Night: Da visibilização do assédio sexual à criação de um roteiro de lazer noturno mais seguro e igualitário no Porto. *Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, 45, 177-194. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2022.45.12>
- Pires, C. V. (2022). *Lilac Care Guidelines: Taking care of people who experience(d) gender-based violence in large-scale festivals*. Project Sexism Free Night. <https://sexismfreenight.eu/wp-content/uploads/2022/12/LILAC-Cara-Guidance-Sexism-Free-Night.pdf>
- Pires, C. V. & the Sexism Free Night Network (2022). *Sexism Free Night Standards – Gender-responsive criteria to prevent, detect and respond to sexism and sexualized violence in nightlife environments*. Project Sexism Free Night. <https://sexismfreenight.eu/wp-content/uploads/2022/12/Standards-Sexism-Free-Night.pdf>
- Quigg, Z., Bellis, M. A., Hughes, K., Kulhanek, A., Brito, I., Ross-Houle, K., Bigland, C., Calafat, A., Duch, M., & STOP-SV group (2021). STOP-sexual violence: Evaluation of a community-based nightlife worker awareness raising bystander training programme. *European Journal Of Public Health*, 31(3), 659–664. <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckaa245>
- Schossler, A. (2023, January 25). What is the No Callem protocol, applied in the Daniel Alves case? *Deutsche Welle*. <https://www.dw.com/pt-br/o-que-%C3%A9-o-protocolo-no-callem-aplicado-no-caso-daniel-alves/a-64510463>
- Spora Sinergies, SCCL. (2019). *La prevenció de les agressions masclistes en contexts d'oci nocturn: anàlisi comparativa de campanyes de prevenció*. Agència de Salut Pública de Catalunya.

cr | s s
cr * s s

Intervention program in nightlife,
leisure and socialization venues to raise awareness
and prevent GBV behaviours – including LGBTIphobia –
linked to sexual violence and substance use